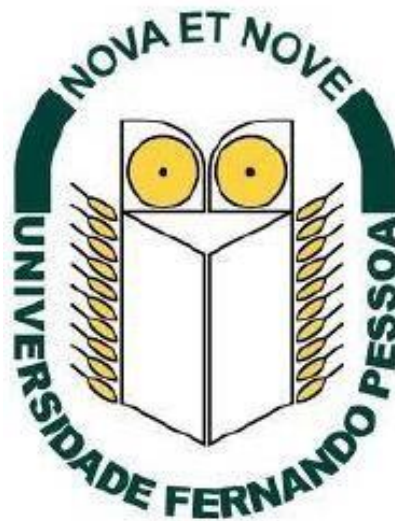


Maria Clara Ligiéro Chehin

**A EFICÁCIA DO ATENDIMENTO DE UM PROGRAMA PARA CRIANÇAS
SUPERDOTADAS DE CLASSE DESFAVORECIDA**

PROGRAMA ESTRELA DALVA - INSTITUTO LECCA

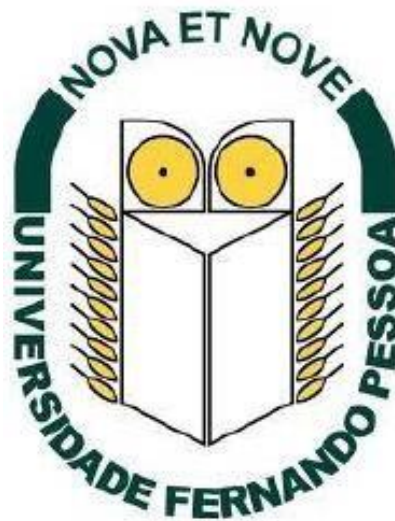


Porto - 2019

Maria Clara Ligiéro Chehin

**A EFICÁCIA DO ATENDIMENTO DE UM PROGRAMA PARA CRIANÇAS
SUPERDOTADAS DE CLASSE DESFAVORECIDA**

PROGRAMA ESTRELA DALVA - INSTITUTO LECCA



Porto - 2019

**A EFICÁCIA DO ATENDIMENTO DE UM PROGRAMA PARA CRIANÇAS
SUPERDOTADAS DE CLASSE DESFAVORECIDA**

PROGRAMA ESTRELA DALVA - INSTITUTO LECCA

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Maria Clara Ligiéro Chehin

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, sob orientação da Professora Doutora Ana Paula Alves Antunes.

Sumário

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a identificação de potencialidades de crianças superdotadas (especificamente aquelas de famílias de classe economicamente desfavorecida) atendidas pelo Instituto LECCA – crianças estas que, embora tenham garantidos seus direitos educacionais e reconhecidas suas singularidades escolares, são invisíveis aos olhos da educação brasileira. Localizado na cidade do Rio de Janeiro, esse Instituto vem apoiando, desde sua fundação em 2003, os superdotados em programas desenvolvidos no contraturno das escolas regulares. Neste trabalho serão apresentados conceitos que fazem parte do universo dos superdotados e talentosos, bem como os mitos dessa área. Também serão abordados os programas Estrela Dalva e Alexandria, desenvolvidos pelo Instituto, que lançam jovens a futuros jamais imaginados por eles, provocando reflexões sobre os benefícios do trabalho com estas crianças e seu consequente desenvolvimento em prol da humanidade.

Palavras-chave: Instituto LECCA; superdotação; excelência.

Abstract

The present work aims to identify the potentialities of gifted children (specifically those from economically disadvantaged families) attended by the LECCA Institute - children who, although they have guaranteed their educational rights and recognized their school singularities, are invisible in the eyes of the Brazilian education. Located in the city of Rio de Janeiro, this Institute has supported, since its foundation in 2003, the gifted ones in programs developed in the opposite turn of their regular schools. In this work will be presented concepts that are part of the universe of the gifted and talented, as well as the myths of that area. It will also address the programs developed by the Institute, Estrela Dalva and Alexandria, which introduce young people to futures never imagined by them, arousing reflections on the benefits of working with these children and their consequent development for the benefit of mankind.

Key words: LECCA Institute; gifted; excellence.

Dedicatória

Agradeço a Deus porque sem minha fé e orações não concluiria esse mestrado. À minha família que não mediram esforços para me apoiar. À todas minhas amigas e à Família Porto, pois sem eles não teria ânimo muitas vezes para me dedicar. Agradeço minha querida professora e orientadora Ana Paula Alves pela paciência e disponibilidade quando precisei. E um agradecimento especial à Maria Clara Sodré Gama, que foi minha fonte de inspiração para minha vida acadêmica e profissional.

Agradeço meus avós também, que apesar de não estarem presentes fisicamente mais, me ensinaram muitas coisas, uma delas a correr atrás dos meus objetivos.

A vocês, dedico o alcance dessa vitória.

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I AS DIFERENTES TEORIAS SOBRE SUPERDOTAÇÃO.....	3
1.1 Definição de superdotação	3
1.1.1 Diferentes conceitos para diferentes casos (altas habilidades).....	5
1.1.2 Características cognitivas e afetivas do superdotado.....	7
1.1.3 Formas de identificação.....	8
1.1.4 Exemplos de crianças superdotadas.....	10
1.2 Mitos x Realidades da superdotação.....	12
1.2.1 Nove mitos sobre Altas Habilidades/Superdotação.....	13
1.2.2 O que acontece com a criança superdotada quando ela cresce.....	15
1.3 Lei e Política Pública.....	16
1.4 Importância de estudar as crianças superdotadas.....	19
1.5 Classe desfavorecida com superdotação.....	20
1.5.1 Definição de classe desfavorecida no Brasil.....	20
1.5.2 O que acontece com a criança superdotada de classe desfavorecida.....	21
CAPÍTULO II INSTITUTO LECCA	25
2.1 Princípios.....	25
2.2 O Programa Estrela Dalva.....	27
2.2.1 Processo de seleção.....	29
2.2.2 Metodologia do programa.....	29
2.2.3 Trajetória do Programa.....	31
2.3 Programa Alexandria.....	33
CAPÍTULO III INVESTIGAÇÃO.....	37
3.1. Metodologia	37
3.2. Perspectivas / relatos	43
3.3. Resultados do programa.....	52
CAPÍTULO IV CONCLUSÃO	
4.1 Considerações finais.....	54
BIBLIOGRAFIA	56

Índice de gráficos

Gráfico 1 - grau de escolaridade dos responsáveis.....	38
Gráfico 2 - faixa de renda dos responsáveis.....	38
Gráfico 3 - mudanças constatadas após entrada da criança no programa.....	39
Gráfico 4 - crianças que gostam de frequentar o programa.....	40
Gráfico 5 - visão das crianças sobre si mesmas antes do programa.....	41
Gráfico 6 - visão das crianças sobre si mesmas depois do programa.....	41
Gráfico 7 - opinião das as crianças sobre escolas regulares.....	42
Gráfico 8 - aprovação das crianças participantes em escolas de excelência.....	53

Índice de anexos

Anexo 1 - Alunos participantes do Programa que ingressaram em escolas públicas de excelência.....	57
Anexo 2 - Relação de alunos que se encontram em Universidades	59
Anexo 3 – Termo de autorização Instituto	64
Anexo 4 - Inquérito à criança do Instituto.....	65
Anexo 5 - Inquérito à criança do Instituto (continuação).....	66
Anexo 6 - Inquérito ao responsável.....	67
Anexo 7 - Inquérito ao responsável (continuação).....	68
Anexo 8 - Inquérito ao responsável (continuação).....	69
Anexo 9 - Termo de autorização responsável.....	70

Eficácia do atendimento de um programa para crianças superdotadas de classe desfavorecida

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a importância do atendimento às crianças superdotadas de classe desfavorecida¹ em um programa de atendimento, o Instituto LECCA, juntamente com seus resultados e depoimentos. Faz-se necessário lançar uma luz sobre essa temática, ainda tão pouco debatida no Brasil, tendo em vista a dificuldades das escolas em reconhecerem e darem o devido tratamento a uma criança superdotada.

Segundo Gama (2006), quando o talento se manifesta em crianças e jovens de classe desfavorecida e não é reconhecido pelo sistema educacional, ele se transforma em risco pessoal e risco social e, por isso, preocupação com o diagnóstico. O jovem superdotado é frequentemente expulso do sistema educacional pelo tédio ou por opor-se aos professores. Ao sair do sistema, por ter capacidade muito acima de seus pares, ele é facilmente seduzido pelo desafio da vida da marginalidade. Nas palavras de Gama (2006, p. 13),

Os mais capazes são frequentemente cooptados pelo crime organizado: além da sedução da vida de aventura, há a possibilidade de ganhar somas inatingíveis de dinheiro pelos caminhos da conformidade social e, com isso, contribuir para o sustento e para o status próprio e da família.

Sobretudo, quando um aluno não é diagnosticado, seja ele de classe desfavorecida ou não, perdemos crianças capazes de aprender conteúdos curriculares e extracurriculares em menos tempo, que podem permitir questões de interesse não só de seu dia-a-dia, mas também com questões universais. Se não for estimulado, será levado a uma diminuição de sua capacidade intelectual.

Com base nessas informações, este trabalho abordará, inicialmente, as definições de

¹ O termo “baixa renda” causa divergências na classificação das famílias. Por exemplo: para a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), uma família considerada de baixa renda apresentaria uma renda média mensal entre R\$ 933 e R\$ 1.391. Já para a Fundação Getúlio Vargas, essa renda média estaria entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807. A United Nations Development Programme estabelece que o público de baixa renda viveria com menos de US\$ 8 por dia. Por conta dessas discrepâncias, optou-se por usar, neste trabalho, o termo “classe desfavorecida” em lugar de “classe de baixa renda”.

superdotação e altas habilidades, bem como os mitos que envolvem esses conceitos. Em seguida, tratará das crianças superdotadas, singularmente as que pertencem a famílias de classe economicamente desfavorecida, pois que a falta de recursos e de acesso à informação faz com que talentos natos sejam desperdiçados, sem o devido tratamento.

O capítulo seguinte trará como foco o Instituto LECCA e dois de seus programas, o Estrela Dalva e o Alexandria. Serão apresentadas as motivações desses programas e os objetivos propostos. No capítulo após, relatos sobre o Instituto atestarão sua importância e eficácia, no que concerne ao aproveitamento dos jovens superdotados, bem como os resultados obtidos no final do ano de 2017.

A incidência de superdotação está distribuída por toda a população, independentemente do nível socioeconômico. A diferença no desempenho individual decorre dos estímulos educacionais e culturais recebidos. Na ausência de uma educação centrada no encorajamento das potencialidades apresentadas pelas crianças superdotadas, elas perdem a capacidade de atuar de forma superior e, assim, se sobressaírem nas suas respectivas áreas de interesse ou habilidades. Nenhuma sociedade pode se dar ao luxo de ignorar seus membros superdotados, e todas devem refletir seriamente como melhor nutrir e educar o talento.

CAPÍTULO I AS DIFERENTES TEORIAS SOBRE SUPERDOTAÇÃO

1.1 Definindo altas habilidades/ superdotação

Por definição, de acordo com Gama (2006), um indivíduo superdotado é aquele que se situa acima da média dos demais no que tange alguma habilidade relevante. Curiosidade, criatividade e facilidade de aprendizagem são algumas das suas características. Eles costumam surpreender pais e educadores com um vocabulário rebuscado (em relação à sua idade e aos demais colegas) e com complexos raciocínios. Um raciocínio esquemático poderia levar a concluir, a partir disso, que a referida facilidade de aprendizagem das pessoas com altas habilidades traduz-se sempre e diretamente em vantagem social. Mas isso não procede. Ironicamente, são, muitas das vezes, vítimas da sua inteligência, sendo alvo das brincadeiras nocivas dos seus colegas e da incompreensão da escola e dos educadores.

Não é fácil identificar um superdotado, uma vez que a facilidade na aprendizagem, o vocabulário rebuscado e a evidência de alguma habilidade extraordinária na criança não se constituem, por si mesmas, em superdotação. Sua identificação, portanto, requer um profissional especializado, afirmando ainda as limitações dos testes de Quociente de Inteligência (QI) para tal tarefa (por mensurarem apenas algumas dimensões específicas da inteligência).

Para Gama (2006), o que define um superdotado não é só a realização de algo extraordinário. O que torna extraordinário um feito (nesse sentido) é a sua realização antes da idade ou tempo previsto normalmente para tal – eis o superdotado. Ninguém pode ser considerado superdotado simplesmente por saber ler (não que neguemos toda a complexidade desse ato); mas se aprende a ler aos quatro anos, sim.

Não se deve confundir superdotação com hiperatividade, pois enquanto esta configura-se como um problema de comportamento caracterizado pela mobilidade excessiva, aquela assemelha-se a uma forma singular de potencial intelectual.

Existe uma infinidade de definições de inteligência provenientes dos estudos de vários autores – filósofos, psicólogos, educadores. Do mesmo modo, a definição de superdotação não poderia ser diferente. Por conta disso, procuraremos focar aqui a contribuição que Howard Gardner nos traz, tendo em vista seu consistente estudo demonstrado, entre outras coisas, através de sua Teoria das Inteligências Múltiplas datada de 1985. Trataremos brevemente dessa teoria.

Gardner (1994) partiu de sua discordância em relação ao teste de QI para estudar os aspectos que estariam relacionados à inteligência. Dito isso, podemos perceber que houve uma quebra em relação ao paradigma que vinha sendo tratado a respeito da inteligência como algo inato, geral e único. Sua teoria traz, então, a idéia de que todos nós temos certa habilidade em qualquer área de atuação, o que irá diferir é a nossa performance, que poderá ser mais eficaz ou não. Ele leva em conta, então, os aspectos biológicos e culturais do desenvolvimento humano. Desse modo, Gardner (1994, p. 219) sugere oito tipos de inteligências presentes nos seres humanos:

Inteligência linguística (compreensão dos significados das palavras, habilidade para convencer, transmitir idéias, estimular), *Inteligência musical* (discriminação de sons, sensibilidade para ritmos, habilidade para produzir músicas), *Inteligência lógico-matemática* (habilidades para lidar com problemas que envolvam raciocínio; para lidar com padrões, sistematização, ordem), *Inteligência espacial* (percepção do mundo visual de maneira precisa, capacidade para compor ambientes criando equilíbrio, manipular formas mentalmente), *Inteligência cinestésica* (possibilidade de resolver problemas através do uso de parte ou de todo o corpo), *Inteligência interpessoal* (sensibilidade para entender e responder adequadamente a humores, temperamentos motivações e desejos de outras pessoas), *Inteligência intrapessoal* (habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e idéias, para analisá-los e abrir mão deles na solução de problemas pessoais).

Gardner (1994) propõe que crianças superdotadas são aquelas que apresentam certa precocidade para desenvolver certas habilidades ou capacidades de uma das inteligências identificadas por ele. Se estimuladas a desenvolver essa habilidade, o estudioso acredita que muito provavelmente essa criança será excepcional no que faz. Segundo ele, todos nós temos potencial para desenvolver algumas dessas oito inteligências, mas o que vai definir um superdotado é como as *experiências cristalizadoras* terão impacto sobre ele.

Para Gardner (1994), *experiência cristalizadora* diz respeito ao primeiro contato que uma pessoa talentosa terá ao se deparar com o campo no qual o seu talento poderá se manifestar. Assim, o autor acredita que somente aqueles que possuem um verdadeiro talento em determinada área obterão um efeito (desse encontro) efetivamente duradouro.

Essas experiências cristalizadoras, no entanto, dependem da área em questão. No âmbito das artes plásticas, por exemplo, é provável que o desenvolvimento nesse campo se dê a longo prazo, diferente da matemática e da música. A idade também é uma variável significativa: para aprender matemática, por exemplo, é necessário muito tempo de estudo, e a referida experiência cristalizadora tende a acontecer cedo na vida da criança.

1.1.1 Diferentes conceitos para diferentes casos (altas habilidades)

Para se começar uma discussão acerca do tema “Superdotação”, é necessário esclarecer os diferentes termos que por vezes atribuímos, erroneamente, à mesma pessoa. São esses: precoce, prodígio e gênio. É notório considerar que estes possuem características distintas e, portanto, não podem ser considerados da mesma forma. Uma questão que abordaremos mais adiante nesse trabalho é justamente a consequência decorrente da falta de informação acerca do que é a superdotação, assim, nada mais justo do que começar esclarecendo as suas especificidades.

Podemos identificar como crianças precoces aquelas que possuem alguma habilidade específica em qualquer área do conhecimento – habilidade esta que é apresentada espontaneamente. Uma criança precoce não é exatamente uma criança superdotada; só é possível saber isso depois de um acompanhamento para observar o seu desenvolvimento. Outro aspecto importante a ser analisado é que o facto de uma criança ser identificada como precoce não garante o seu sucesso na fase adulta. Ainda que alguns autores afirmem que crianças superdotadas são, de maneira geral, precoces (Winner, 1998), outros estudos demonstram que essa característica na infância não é fundamental (nem determinante) como precedente para este sucesso posterior (Freeman e Guenther *cit. in* Gama, 2006).

A criança prodígio é uma criança precoce que apresenta um alto desempenho em uma área do conhecimento em nível de um adulto profissional. Ela possui uma habilidade extremamente especializada que só é expressa sob condições bastante específicas do ambiente sócio-cultural. Já o superdotado com alto QI possui habilidades generalizadas que permitem que sejam expressas em diferentes ambientes. Para clarificar essa comparação, Gama (2006) cita Mozart e Leonardo Da Vinci. O primeiro pode ser considerado um exemplo de uma personalidade prodígio segundo Gama (2006), tendo em vista que aos três anos de idade começou a tocar cravo, aos quatro anos já aprendia peças com rapidez e aos sete já compunha regularmente, ou seja, era um especialista na área musical; o segundo exemplifica o que chamamos de superdotado, caracterizado com um perfil generalista, pois, curioso, Leonardo da Vinci foi uma mente brilhante que contribuiu significativamente em uma variedade de diferentes domínios, já que além de pintor excepcional, desenvolveu trabalhos como anatomista, escultor, arquiteto, inventor etc.

Para Gama (2006), gênios são aqueles que dão contribuição importante (originais) e de grande valor para a humanidade. Parece-nos que seus conhecimentos e capacidades são sem limites. Pelé, Gandhi, Heitor Villa-Lobos, Stephen Hawkins são considerados grandes gênios da humanidade em seus campos específicos.

Os termos superdotados e altas habilidades são mais apropriados para designar aqueles que possuem uma habilidade superior aos seus pares. Não há necessidade de ser uma habilidade excepcional para que este aluno seja identificado. Por isso muitos pesquisadores preferem o termo “talento” ou “altas habilidades”.

É importante reconhecer essas pessoas, pois dessa maneira os educadores poderão oferecer experiências educacionais apropriadas e diferenciadas para eles, a fim de desenvolver de forma adequada e igualitária suas habilidades e necessidades especiais. Se não for esse o objetivo, não há sentido em simplesmente rotular essas crianças.

1.1.2 Características cognitivas e afetivas do superdotado

Muitos autores diferem na forma como abordam o tema altas habilidades / superdotação; no entanto, algumas características são comuns a todos eles. Renzulli (1977) faz distinção entre duas amplas e distintas categorias de altas habilidades superiores: a superdotação escolar e a superdotação criativo-produtiva.

Segundo Renzulli (1977), a superdotação escolar pode ser facilmente identificada nos testes de QI. Os alunos que possuem alto QI tiram boas notas na escola, justamente porque as medidas exigidas nesses testes são as mesmas daquelas exigidas na escola. Essa categoria enfatiza os processos de aprendizagem dedutiva, treinamento estruturado nos processos de pensamento e aquisição, estoque e recuperação da informação. Dentre as características nos superdotados escolares, Renzulli (1977) cita tirar boas notas na escola, gostar de fazer perguntas, aprender com rapidez, ter boa memória, apresentar bom vocabulário e gostar de livros técnicos e profissionais.

É importante frisar, no entanto, que a criança com altas habilidades pode apresentar desinteresse pela escola por conta do ambiente pouco desafiador que esta pode proporcionar. Os conteúdos, por vezes, são assimilados com facilidade e acontece desse aluno terminar a tarefa proposta pelo professor antes do restante da turma ou nem sequer fazê-la, por exemplo. A consequência disso é uma possível conturbação por parte dele em sala de aula, ou ainda uma demonstração de inquietude no mesmo espaço. Por conta disso, é provável que o aluno seja rotulado como desinteressado, com dificuldade de prestar atenção e se concentrar em determinadas tarefas, o que prejudicaria seu rendimento. Essa rotulação provavelmente teria consequência no encaminhamento desse aluno para atendimento/ consulta com um psicopedagogo. Essa atitude não precisaria ser tomada, caso houvesse uma maior atenção.

Para Renzulli (1977), por conta disso, também é possível a percepção de características relacionadas com seu lado afetivo-emocional; dentre elas, a necessidade de saber sempre mais e se dedicar com afinco em aprender tudo o que está relacionado à(s) sua(s) área(s)

de interesse, tem paixão por aprender e revela intenso perfeccionismo.

Já a superdotação criativo-produtiva, de acordo com Renzulli (1977), refere-se à aplicação das informações que possui juntamente com os processos de pensamento para a criação e resoluções de problemas reais. Essa criança vai trabalhar com questões que dizem respeito aos seus interesses e que lhe ofereçam desafios. Dentre as características identificadas, tem a criatividade e originalidade, interesse por diversas áreas, pensa por analogias e é detalhista. E, dentre as principais características afetivas e emocionais, apresenta um senso agudo de justiça e demonstra sensibilidade, empatia e preocupação moral em idades precoces.

Não é necessário que todas essas características estejam presentes nos superdotados, mas se houver a identificação de algumas delas (com persistência) em alguma criança, a probabilidade de que ela apresente altas habilidades é alta.

1.1.3 Formas de identificação

Segundo Gama (2006), no Brasil, utiliza-se a mesma definição adotada pelo Departamento de Saúde, Educação e Bem-estar dos Estados Unidos para caracterizar os alunos com altas habilidades e, segundo essa definição, vários aspectos são considerados: capacidade intelectual, aptidão acadêmica específica, pensamento criador ou produtivo, capacidade de liderança, talentos especiais específicos e capacidade psicomotora.

Além dessa definição, o Ministério de Educação (MEC) também apresentou um documento em 1995, intitulado “Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial”, que trata dos mecanismos necessários para identificação possível de altas habilidades. Este documento prevê: avaliação realizada por professores, especialistas e supervisores; percepção de resultados escolares superiores aos demais; auto-avaliação; aplicação de testes individuais, coletivos ou combinados; e demonstração de habilidades superiores em determinadas áreas. Dentre os instrumentos de identificação da superdotação, os mais comuns são Testes Psicométricos, questionários e observação

de comportamento.

É bastante difícil estabelecer um diagnóstico de altas habilidades e, por isso, é necessário que os alunos passem pela avaliação de uma equipe interdisciplinar que deve ser formada por profissionais da área de Educação, de Psicologia e de outras áreas envolvidas, de forma indireta ou direta, com a Educação Especial como, por exemplo, a Psicopedagogia.

Uma outra consequência da complexidade do diagnóstico é a invalidez dos testes de QI, chamados testes padronizados, como única fonte de identificação de um superdotado, isso porque, em geral, esses testes costumam medir apenas uma área do conhecimento do indivíduo (a maioria deles testa a capacidade lógica), e assim, muitos superdotados podem passar despercebidos por esse exame, se a área do conhecimento em que ele tenha especificidade não estiver contemplada no teste.

Os testes psicométricos tentam medir o nível de criatividade e motivação nos alunos com altas habilidades, e por isso se tornaram instrumentos importantes na identificação deste alunado.

Segundo Gama (2006), no que diz respeito à identificação de idades precoces no período da Educação Infantil, esta é feita, sobretudo, através de comparações com seus pares, estes do mesmo ambiente sócio-cultural. Os testes padronizados podem ser umas das formas de identificação quantitativas possíveis de serem utilizadas nesse caso, como é o caso das Matrizes Progressivas Raven², que funcionam como indicadores de habilidades superiores relacionadas ao conhecimento lógico.

De acordo com Gama (2006, p. 45),

os principais instrumentos utilizados para a identificação da criança talentosa referem-se à avaliação do

² Criado por J. C. Raven em 1938, esse teste psicométrico tinha por objetivo inicial avaliar os oficiais das Forças Armadas Americanas.

comportamento, do desempenho ou da produção observada de algum domínio ou área. Nesse caso, a avaliação é feita com base na Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, que sugere que os instrumentos sejam justos com a inteligência (habilidade) em questão. Por exemplo, a inteligência musical não deve ser avaliada com perguntas a respeito do conhecimento musical e, sim, através do sistema simbólico próprio da inteligência avaliada (como tocar um instrumento).

A avaliação da criança que apresenta um pensamento divergente parece ser mais complexa e trabalhosa, pois deve levar em consideração diversos aspectos, tais como: memória e bases de conhecimento, rapidez dos processos de pensamento, capacidade de análise, síntese e avaliação, originalidade, elaboração de determinado trabalho, habilidade de lidar com a novidade, dentre outros.

Por fim, a comprovação do aluno que apresenta dedicação obstinada à tarefa deve ser feita basicamente através de relatos de familiares, professores e outras pessoas que estão no entorno do aluno.

1.1.4 Exemplos de crianças superdotadas

Segundo Gama (2006), a superdotação em crianças e adolescentes consiste de precocidade ou talento, pensamento divergente (criativo e/ou crítico), e dedicação obstinada a determinadas tarefas.

Precocidade

A precocidade é caracterizada por um desenvolvimento avançado. Ler aos quatro anos, fazer cálculos mentais aos quatro, aprender diferentes formas, tais como bandeiras, aos dois anos, desenhar com realismo aos três ou quatro, são algumas das manifestações de precocidade intelectual. A identificação de crianças com desenvolvimento precoce tem, por objetivo, estabelecer quais as que possuem necessidade de uma educação diferenciada, ao que se segue um exemplo citado por Gama (2006, p. 63):

Aos três anos, Ary tinha interesse quase obsessivo por planetas e astros. No primeiro encontro do processo diagnóstico, mostrei-lhe, numa tentativa de conquistá-lo, um livro que continha figuras de planetas e astros. Muito sério, Ary perguntou: *Tem galáxia elíptica no seu livro?*

Talento

Talento é o potencial superior. De acordo com as inteligências múltiplas, uma inteligência é uma habilidade ou conjunto de habilidades que permitem a uma pessoa resolver problemas ou criar produtos apropriados para um ou mais contextos culturais. Assim cita Gama (2006, p. 68):

Aluna da 4ª série, e participando de programa para superdotados, Jane tinha especial talento linguístico; durante uma oficina de texto, escreveu a seguinte redação, a partir de uma foto, publicada num jornal, que mostrava uma borboleta e um arame farpado, com folhagem ao fundo:

Estamos ao entardecer. Uma imagem, em meio à primavera, me chama atenção. Os dois lados da moeda numa só paisagem. Como se fosse uma luta. Uma luta difícil de se perceber. Mas que não passou longe de meus olhos. Eles não me deixam descansar.

A vez dela. A borboleta. Que tenta vencê-lo. O arame. Um animal tão frágil, mas ainda mais forte que eu. Vejo que eu não iria ajudar ali. Vou embora.

Já é noite. Ao lembrar a cena que vi, me sinto fraca. Mais uma vez desisti. Já que aquela batalha significava a vida contra a violência, fracassei. Me sentia impotente, mas os dias continuam. Como eu.

A essa hora a borboleta que vi deve ter desistido também. E eu sei por quê. Ela entendeu que uma batalha não se ganha sozinha.

Pensamento Divergente

O pensamento divergente, visto como a capacidade de pensar novas respostas, de dar soluções diferentes para problemas abertos, opõe-se ao pensamento convergente, aquele no qual busca-se a resposta certa. Ainda de acordo com Gama (2006, p. 77):

Sua imensa memória, sobretudo visual, que permitiu que Joana aprendesse a reconhecer 150 bandeiras em muito pouco tempo, antes que completasse dois anos, é uma das características do pensamento crítico. Um

dia, durante o processo de avaliação, Joana, que naquele momento tinha dois anos e meio, percebeu que havia um mapa da América do Sul preso na parede. Leu o nome de alguns países – Uruguai, Paraguai, Colômbia, Brasil... interrompeu a leitura e perguntou: *Não tem Nova Zelândia no seu mapa?* A rapidez do processo de pensamento empregado é incrível: isso é um mapa, tem vários países, eu conheço vários países e gosto da Nova Zelândia... onde está a Nova Zelândia? Percebe-se também a sua capacidade para coletar informações e determinar as que estão faltando.

Dedicação obstinada à tarefa

A dedicação obstinada à tarefa está ligada aos assuntos que interessam à criança, ao qual ela se dedica de corpo e alma, e reluta em interromper qualquer atividade de aprendizado ou de produção relacionada com o assunto alvo. Em mais um exemplo mencionado por Gama (2006, p. 82),

Gui entrou para o programa de atendimento a alunos superdotados de classe desfavorecida, sobretudo por sua capacidade de inteligência lógica, no início da 1ª série. Naquela época, sua leitura ainda era caracterizada pela decodificação, isto é, lia lentamente e pouco compreendia do conteúdo lido. Quatro meses depois, em junho, encontrei-o jogando xadrez com um adolescente, também do programa, que costumava desafiar outras crianças e jovens do programa. Gui ganhou a partida. Chamei-o e perguntei como tinha aprendido a jogar. Respondeu-me: *Você não sabe que não tem um livro na biblioteca que ensina a jogar xadrez? Eu queria muito jogar, então aprendi com o livro.* Os dois jogaram muitas vezes, e Gui sempre ganhou. Seu talento na inteligência espacial era excepcional e sua dedicação ao que lhe interessava, intensa. Toda vez em que os dois jogaram, ao final da partida, o adolescente dizia: *Da próxima, eu ganho!*

1.2 Mitos e Realidades

Vários estudos têm destacado algumas ideias equivocadas que perpassam o tema dos superdotados, influenciando diretamente na educação dos indivíduos talentosos. Assim, o objetivo aqui é realizar uma investigação a respeito dos mitos que ainda perpassam o tema das altas habilidades / superdotação na atualidade.

1.2.1 Nove mitos sobre altas habilidades / superdotação

Mitos e mal-entendidos podem ser identificados em qualquer área de estudo, e com a superdotação não é diferente. Neste tópico há nove suposições fortemente mantidas sobre superdotação.

Segundo Winner (1998, p. 17), existem nove principais mitos e mal-entendimentos sobre superdotação, os quais serão transcritas na íntegra, postas a relevância e a necessidade de entendimento acerca desse assunto:

Mito 1: Superdotação Global

O rótulo superdotado é mais frequentemente reservado para crianças com habilidades acadêmicas, ou seja, com aptidões em linguagem (oral e escrita) e matemática, as duas grandes áreas valorizadas nas escolas. E os psicólogos e educadores mediram superdotação acadêmica com um teste de QI que produz uma pontuação global. A suposição subjacente aqui é que as crianças superdotadas possuem um poder intelectual geral que lhes permite ser superdotadas em tudo. Entretanto, a autora chama isso de o mito da capacitação global. A criança com uma combinação de pontos fortes e fracos acadêmicos vem a ser a regra, não a exceção. As crianças podem até mesmo ser superdotadas em uma área acadêmica e apresentar distúrbio de aprendizagem em outra. Crianças altamente superdotadas de dois ou três anos, mostram claras habilidades específicas de domínio. A especificidade de suas habilidades é um forte indício de que estas crianças estão predispostas em direção a domínios específicos. Elas não são indivíduos geralmente superdotadas que por acaso escolheram focalizar em matemática ou linguagem.

Mito 2: Talentosas, mas não superdotadas.

Embora as crianças precoces nestes tipos de habilidades escolásticas avaliadas por um teste de QI sejam chamadas de superdotadas, as crianças que demonstram habilidade excepcional em uma forma de arte como artes visuais, música ou dança ou em uma área atlética como patinação, tênis ou mergulho são chamadas de talentosas. Dois rótulos diferentes sugerem duas classes diferentes de crianças. Mas não há justificativa para tal distinção. As crianças artísticas ou atleticamente superdotadas não são tão diferentes das crianças academicamente superdotadas.

Mito 3: QI Excepcional

QI alto não é considerado o único ingrediente. Há poucas evidências de que superdotação em áreas não-acadêmicas, como artes ou músicas, requeiram um QI excepcional.

Mitos 4 e 5: Biologia X Ambiente

De onde vem a superdotação? O mito do senso comum é de que a superdotação é inteiramente inata. Este mito folclórico ignora a poderosa influência sobre o desenvolvimento de aptidões.

Diametralmente oposto a esta visão, está o mito mantido por alguns psicólogos de que superdotação é simplesmente uma questão de treinamento intensivo por parte de pais e professores, iniciado a pouca idade.

Mito 6: O pai condutor

Algumas pessoas afirmam que as crianças superdotadas são “fabricadas” por pais que zelam muito por eles. Os pais são avisados a não empurrar seus filhos, a deixá-los ter infâncias “normais”. De outro modo, lhes é dito que seus filhos os ressentirão e perderão todo o interesse em realizações posteriores.

É verdade que os pais de crianças superdotadas são altamente envolvidos na nutrição dos filhos. Mas este grau incomum de investimento e envolvimento não é uma força destrutiva. É uma força necessária para que o dom de uma criança seja desenvolvido.

Mito 7: Esbanjando saúde psicológica

As crianças superdotadas frequentemente enfrentam ridicularização. A maioria das crianças capta facilmente os solitários, não-atléticos, estranhos, ou exibicionistas com interesses estranhos, fora de contato com os dos seus pares. Os psicólogos opuseram a esta visão um quadro idealizado das crianças com QI alto como populares, bem ajustadas, excepcionalmente morais e esbanjando saúde física e psicológica.

Entretanto, os preconceitos das crianças podem se aproximar da verdade. Nós parecemos ter uma necessidade de negar ou idealizar a criança superdotada. As crianças superdotadas são, com frequência, socialmente isoladas e infelizes, a menos que sejam afortunadas o suficiente para encontrar outras como elas. A visão das crianças superdotadas bem ajustadas aplica-se apenas à criança moderadamente superdotada e deixa fora os extremos.

Mito 8: Todas as crianças são superdotadas?

Muitos diretores e professores afirmam que todas as crianças são superdotadas. Às vezes, isso significa que todas as crianças têm algumas áreas nas quais elas têm pontos fortes; outras vezes, significa que todas as crianças têm um potencial igual para aprender. Esta suposição não é feita apenas sobre habilidades acadêmicas.

Mito 9: As crianças superdotadas se tornam adultos eminentes

As crianças superdotadas são tipicamente vistas não apenas como crianças criativas, mas também como futuros adultos criativos e eminentes. Porém, muitas crianças superdotadas, frustram-se, enquanto outras acabam por se dedicar a outras áreas de interesse. Não se pode supor uma conexão entre superdotação precoce, não importa o quão extremo, e elevação adulta.

“Nós precisamos repensar a educação para os superdotados. Primeiro, deveríamos elevar marcadamente os padrões acadêmicos para todas as crianças. Nós deveríamos, então, focalizar todos os nossos recursos para as crianças com superdotação nos extremamente superdotados. Estas crianças têm necessidades especiais, não menores do que as crianças com retardo ou distúrbio de aprendizagem. Além disso, elas são o nosso capital humano, uma promessa para o nosso futuro” (Winner, 1998, p.15).

1.2.2 O que acontece com as crianças superdotadas quando elas crescem

Segundo Winner (1998), nós tendemos a ouvir mais sobre os Picassos, Midoris e Yo-Yo. Sobretudo, podemos chegar à conclusão nítida de que crianças com prodígio se mantêm em seus domínios escolhidos e seguem adiante fazendo contribuições importantes.

O mito de que os prodígios têm futuros brilhantes é fortalecido pelo facto de muitas pessoas eminentes e criativas, ao longo da história, mostraram habilidades excepcionais na infância. Esquecemos sobretudo, que isso não implica no inverso, que crianças excepcionais se tornem adultos criadores. A maioria dos superdotados jamais se desenvolve plenamente, na concepção de Winner. Uma grande dificuldade em sondar a conexão entre superdotação na infância e na criatividade adulta é que nós raramente dispomos de algum registro de muitas crianças superdotadas que pararam de desenvolver suas habilidades. Assim afirma Winner (1998, p. 224):

Nenhum factor jamais foi verificado ser necessário ou suficiente na previsão da criatividade adulta. Além disso, tantos estão envolvidos, que é impossível prever a trajetória futura de qualquer criança superdotada individual, assim como é impossível prever com certeza os interesses futuros de qualquer criança e sua escolha de trabalho”.

Quando criança, os prodígios fascinam por sua precocidade. Mas todo prodígio acaba se tornando um ex-prodígio. Se precocidade e habilidade técnica são tudo o que eles têm,

como adultos eles não são mais especiais, os que florescem tardiamente os alcançaram.

Todavia, já que as habilidades e hobbies da infância em domínios específicos são mais previsíveis em escolhas ocupacionais adultas que o QI geral, segundo Winner (1998), poderíamos esperar prever a trajetória futura dos prodígios. Crianças que parecem ter nascido em um domínio e que são superdotadas que desempenham em um nível adulto. É tentador supor que os prodígios se limitarão aos seus domínios na fase adulta e se tornarão criadores importantes.

Então, se partirmos dos criadores adultos e perguntarmos se eles foram prodígios em seus domínios na infância, a resposta é mista, alguns foram, muitos não. Alguns continuam a dominar com excelência suas habilidades quando adultos, enquanto outros não desenvolvem estas habilidades após um certo período.

1.3 Lei e Política Pública

Segundo Delou (2007, p. 27),

No que concerne à temática especificamente abordada no presente artigo, altas habilidades/ superdotação, este parece ser um assunto ainda periférico na agenda educacional brasileira. Isto porque são raros os programas voltados exclusivamente para este público, embora seja inegável o ganho real alcançado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) quanto ao reconhecimento das necessidades educacionais especiais, atendimento educacional especializado e a aceleração dos estudos para concluir em menor tempo os cursos realizados no âmbito da Educação Básica e Superior.

Entretanto, para que o atendimento especializado aos superdotados ou habilidosos aconteça, é preciso que as escolas assegurem aos alunos com necessidades educacionais especiais, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organizações específicos, a fim de atendê-los em suas reais necessidades. No artigo 59 da lei³ citada por Delou

³ A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) regulariza e define o sistema educacional brasileiro com base nos princípios constitucionais. Foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934, mas levou quase 30 anos para vigorar. O texto final, sancionado pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso em 1996, é uma

(2007) é preconizado que

Artigo 59 - Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades.

Para Delou (2007), ao contrário do que se possa imaginar, alunos com altas habilidades/superdotação podem ser reconhecidos pelo alto desempenho escolar, mas não são incluídos nas práticas pedagógicas escolares de alto nível. Eles, também, não têm “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo as capacidades de cada um”, como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Historicamente, a maior parte desses alunos não é identificada. Eles sempre foram matriculados nas escolas regulares. Sempre foram classificados conforme suas idades cronológicas e colocados em turmas que, regra geral, estão longe de atender ao nível de desenvolvimento real que apresentam ou teriam condições de acompanhar. Raros são os alunos identificados – alguns podem ser indicados para as salas de recursos especializadas; contudo, a matrícula escolar não garante a inclusão educacional. Estar matriculado garante o acesso ao ensino, mas para que alunos com altas habilidades/superdotação sejam incluídos é preciso mais. É preciso professores especializados para as salas de aulas regulares e para o atendimento educacional em salas de recursos ou em programas de enriquecimento ou de aprofundamento.

Enfim, podemos ousar dizer que, se os alunos com altas habilidades/ superdotação brasileiros, têm hoje uma legislação que garante direitos educacionais avançados e que reconhece suas singularidades escolares, isto se deve à visão progressista dos legisladores que se adiantaram à maioria dos educadores brasileiros, que ainda resistem a compreender a diversidade do seu alunado.

compilação das propostas originais e dos filtros aplicados pelo Congresso Nacional.

Em relação ao trabalho e atendimento que deve ser feito com as crianças de altas habilidades / superdotadas, destaco a importância, antes de qualquer coisa, na orientação aos professores. Esse assunto deve ser tratado desde a formação de professores, para que eles sejam orientados e saber identificar uma criança superdotada.

É fundamental que nas escolas tenham espaços com recursos e grupos que desenvolvam esse trabalho em especial para as crianças talentosas, como oficinas de acordo com o interesse do aluno, ou sua área de conhecimento e talento. Uma vez identificado, além de ser um direito dela, vai estimulá-la a desenvolver sua capacidade.

A partir do momento em que essa criança é identificada como superdotada, é necessário que haja uma resposta, como, por exemplo, adiantá-la de série, promover conversas com professores, aplicar trabalhos diferenciados e oferecer estímulos ao seu desenvolvimento moral e ético. É de responsabilidade da Educação dar possibilidades de trabalhos diferenciados. Fundamental também que isso seja reconhecido pelos professores, porque além de ser um direito da criança (desenvolver seu talento dentro da sua área específica na escola), é algo que está sendo feito também em prol da humanidade; é uma riqueza nacional e um grande investimento para a educação do país. Assim afirma Gama (2006, p. 89):

Fundamental nos programas de atendimento a alunos superdotados é permitir sua auto-realização, através de educação individualizada. Igualmente importante é possibilitar que esses alunos cheguem a idade adulta capazes de desempenhar o papel, na sociedade, escolhido por eles, com autonomia cognitiva e moral.

Para garantir as condições de identificação e atendimento aos alunos com altas habilidades/superdotação, Alencar (2001) afirma que são necessárias políticas educacionais que efetivem tanto a formação continuada quanto as propostas educacionais.

O jovem brasileiro das camadas populares na maioria das vezes tem suas trajetórias afetadas pelas questões econômicas e pelos factores sociais no entorno onde vive. Espósito (1992, p. 47) descreve:

No Brasil, o quadro configurado para a população jovem e pobre revela que esta é a parcela mais rapidamente atingida pela recessão e ausência de desenvolvimento social. De um lado, observa-se um certo "envelhecimento populacional", pois a presença da faixa etária de 0 a 19 anos tende a diminuir, ainda que discretamente, nos últimos anos, no conjunto da população. De outro, a maior concentração de extratos de crianças e jovens localiza-se nos setores desprivilegiados.

No caso das crianças superdotadas em setores desprivilegiados da população, a ausência de atendimento específico aumenta a possibilidade de perderem a capacidade de atuar de forma superior e acabam tendo seus talentos desperdiçados. Nesse sentido, Cupertino (2008) salienta que a educação desses alunos não pode ser deixada ao acaso, uma vez que deve ser condizente com suas características, além de exigir sistematização e coerência. “Sem estímulo, essa pessoa pode desprezar seu potencial elevado e apresentar frustração e inadequação ao meio” (Cupertino, 2008, p. 13).

1.4 Importância de estudar as crianças superdotadas

De acordo com Gama (2006), ao valorizar e incentivar pessoas ou crianças brilhantes e esteticamente talentosas permite-se um enorme desenvolvimento de talentos específicos que levaram ao sucesso ou resultados em prol e para o bem da humanidade. Bons exemplos de desenvolvimento de talentos são Michelangelo, Da Vinci, Bernini, Dante e tantos outros. E bons exemplos de países que valorizam a educação para superdotados são a China e o Japão – esta, mais do que qualquer outra nação, depende da educação para construir indústrias, modernizar sua cultura e facilitar o caráter moral de suas crianças. Lá existem escolas específicas para crianças superdotadas, e considera-se importante estudá-los e reconhecê-los. Esses são alguns exemplos que mostram a importância dos estudos sobre superdotação.

Para Winner (1998), o estudo dos superdotados nos conta muitas coisas importantes sobre como a mente em geral deve operar, e ela também apresenta exemplos de outros países que, por sua vez, valorizam a educação para superdotados.

Winner (1998) diz que os Estados Unidos, apesar de mostrarem importância e oferecerem condições para os superdotados, presta-se bem pouca atenção ao problema de como

identificar e criar crianças com altas habilidades, e lamenta o quanto se perde com isso.

Os recursos públicos que nós de facto dispendemos para educar os superdotados são principalmente reservados para as crianças com talento acadêmico moderado, em vez de para as extremamente talentosas em matérias escolares ou em outras áreas. Outras culturas fizeram muito mais para alimentar e identificar seus mais superdotados. Gama (2006) cita como exemplo a Hungria, que produziu e investiu em matemáticos e cientistas, e grande parte do trabalho criativo nos Estados Unidos no séc. XX foi feito pelos refugiados da Europa. Hoje, com essa preocupação legítima com a desigualdade social e econômica, há pouca importância com a superdotação ou com modos de fortalecer o sutil caminho dos talentos excepcionais da infância para conquistas e criatividade adulta.

Além disso, a superdotação merece atenção dentro da pesquisa científica básica. As teorias psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento precisam ser capazes de abranger tanto a criança com dificuldade de aprendizagem quanto a criança superdotada.

No entanto, estes achados nos ajudam a desenvolver um quadro completo da mente humana. E nosso entendimento dos superdotados acarreta implicações ainda mais amplas. Certamente, serão encontrados neste grupo quaisquer indivíduos que virão a resolver o vasto conjunto de problemas que ameaçam a sobrevivência humana.

1.5 Classe economicamente desfavorecida com superdotação

1.5.1 Definição de classe economicamente desfavorecida no Brasil

De acordo com o decreto nº 6.135, de 26 de junho de 2007, o presidente da república, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea “a”, da Constituição, declara:

Art. 4º Para fins deste Decreto, adotam-se as seguintes definições:

I - família: a unidade nuclear composta por um ou mais indivíduos, eventualmente ampliada por outros indivíduos que contribuam para o rendimento ou tenham suas despesas atendidas por aquela unidade familiar, todos moradores em um mesmo domicílio.

II - família de classe desfavorecida: sem prejuízo do disposto no inciso I:

- a) aquela com renda familiar mensal **per capita** de até meio salário mínimo; ou
- b) a que possua renda familiar mensal de até três salários mínimos;

1.5.2 O que acontece com a criança superdotada de classe desfavorecida

Apesar de mais talentos serem encontrados em famílias de poder aquisitivo médio/alto do que em outra classe da população, a proporção não é a mesma quando se observa as crianças. Não há distinção de talentos quando se trata de classe social na sociedade. O que acontece na verdade é que sem as mesmas oportunidades de estímulos para as áreas de talento, crianças e jovens de classe econômica desfavorecidas não desenvolvem suas habilidades, mantendo assim, o ciclo de pobreza de suas famílias.

Engels (2002), ao escrever sobre pobreza, nos diz que a idealização de igualdade existente há séculos conviveu, por muito tempo, com uma realidade muito desigual, que não parecia afetar a consciência dos homens.

Entretanto, apura-se hoje o enorme canal entre o ideal de igualdade e uma realidade extremamente desigual em uma sociedade urbana. Esse canal acaba por criar um ambiente violento, dentro do qual pode-se encontrar o tráfico de entorpecentes, justamente, ainda segundo Engels (2002), pela falta de oportunidades e perspectivas.

Sem dúvidas, o caminho da diminuição da desigualdade é a descoberta de talentos pessoais que poderão ser transformados em oportunidades. Para isso, é fundamental atendimento educacional específico, com planejamento, definição de metas, acompanhamento – em suma, responsabilidade com resultado.

O plano de atendimento a alunos com potencial superior deve dar início pelo que é definido a partir do tipo de talento ou potencial que se deve desenvolver, já que não é viável um mesmo programa atender talentos em áreas tão variadas como música, artes plásticas, esporte, área acadêmica, principalmente porque é difícil disponibilizar profissionais de tão diferentes campos do saber atuando em um mesmo programa.

A partir do que será definido para trabalhar no programa, define-se a avaliação que inclui precocidade, criatividade e dedicação obstinada à tarefa. Por exemplo, em um programa que atende talentosos na área do xadrez, os critérios de avaliação devem incluir capacidade estratégica, habilidade espacial, etc.

Entretanto, alunos de classe desfavorecida têm menos oportunidades de participar de atividades em alguns domínios. A avaliação do potencial dos alunos nas diferentes inteligências propostas por Gardner pode facilitar a identificação de conjuntos de habilidades que contribuem para o aparecimento do talento em diferentes áreas.

Oferecer atividades como complemento à escola é uma boa possibilidade, como o Instituto LECCA, na cidade do Rio de Janeiro, que leva às escolas públicas que atendem crianças de classe desfavorecida aulas com conteúdos avançados, em um processo de aceleração e enriquecimento cultural.

De acordo com Gama (2006), jovens de classe desfavorecida economicamente de alto potencial dificilmente conseguem entrar nas melhores universidades, já que com frequência são expulsos do sistema educacional – ou por não serem compreendidos, ou por não aguentarem a monotonia de sala de aula. Segundo Gama (2006), ao saírem da escola, por terem capacidade acima dos demais, são com facilidade atraídos pela vida do crime. Quando não são expulsos do sistema, têm dificuldades para completar a escolaridade e entrar nas universidades, já que o preparo nas escolas públicas regulares não os prepara para as universidades públicas, e a falta de recursos não permite que entrem para as particulares. Outros ainda precisam começar a trabalhar logo após a escola, o que é mais uma barreira para ingressarem nas universidades. O planejamento do atendimento

deve, portanto, levar em consideração todos esses factores.

Segundo Gama (2006), muitas crianças e jovens que participaram do programa para alunos talentosos de classe desfavorecida, no Rio de Janeiro, ao fazerem sua linha do tempo, indicaram como mudança mais radical de sua vida a entrada no programa. E, não raras vezes, pais declararam que se seus filhos tinham “renascido” naquele dia. Esse dado corresponde ao que foi encontrado neste estudo: a entrada no programa indica uma mudança radical. O facto de ter suas capacidades reconhecidas faz com que outros significados passem a fazer parte da vida destes sujeitos: pessoas valorizam-nos e os escolhem para receber atenção, receber coisas e frequentar lugares que até então lhes eram desconhecidos. O reconhecimento de suas capacidades pode significar para estes sujeitos uma mudança radical para os mesmos, pois passam acreditar que possibilidades existem e alcançar objetivos e metas é possível.

As metas de um programa de atendimento a alunos superdotados de classe desfavorecida devem ser definidas com clareza definidas e acompanhadas. Se, por um lado, é importante que os jovens talentosos possam experimentar diferentes opções de enriquecimento, por outro, é necessário que as metas sejam claras para que os alunos não se percam no caminho que percorrerão. Por exemplo, em um programa para alunos talentosos em esporte, as metas devem apontar possibilidades de crescimento, tais como participação em campeonatos. Os talentosos acadêmicos podem ser destinados a concursos acadêmicos, escolas de excelência, profissões que dependem de habilidades específicas.

Assim, quando o jovem percebe os objetivos traçados e enxerga as consequências positivas que terá mais à frente, ele permanece na sua escola de origem e começa a se preparar para o ingresso nas escolas recomendadas e, futuramente, também nas universidades.

Todavia, assim como a definição de metas é fundamental, o acompanhamento também é imprescindível. Segundo Tenório (2002), o acompanhamento é o controle realizado

durante o processo de execução das atividades do programa. O autor acredita que sua principal virtude seja a capacidade de promover correções ao longo do processo naqueles momentos em que desvios são percebidos. O acompanhamento é, acima de tudo, uma ação contínua, em que instrumentos selecionados para esse fim alimentam com informações todos os interessados no programa.

Quando a criança ou o jovem de classe economicamente desfavorecida entra para um programa de atendimento a talentosos, já é uma pessoa diferente do que foi até sua entrada, por já ter seu talento reconhecido. A partir de então o jovem começa a sonhar com seu futuro, um sonho novo, cheio de possibilidades, aberto a conquistas infinitas, e os profissionais que com ele atuam têm o privilégio de participarem e acompanharem de perto dessa conquista.

CAPÍTULO II INSTITUTO LECCA

2.1 Princípios

O Instituto LECCA, fundado em 2003, é uma organização não governamental que investe em educação, visando a melhoria da qualidade de vida de comunidades carentes, contando com o apoio financeiro de pessoas físicas e jurídicas comprometidas com este projeto social. Sua equipe é formada por profissionais voluntários experientes e com formação na área de educação para superdotados. Entre os profissionais que nele atuam estão pedagogos, psicopedagogos, psicólogos e professores. Existe também uma formação continuada para estes colaboradores, por meio de supervisões e estudos constantes.

Segundo Gama (2006), mentora deste projeto, crianças com inteligência acima da média têm a capacidade de aprender mais em menos tempo os conteúdos pedagógicos, com pensamento criativo e crítico apurados, e precisam ser devidamente estimuladas. Suas necessidades dificilmente são atendidas pela rede regular de ensino, e este imenso potencial se perde – ou, o que é mais grave, é cooptado pelo crime organizado. O objetivo do Instituto é impedir que isso aconteça, proporcionando a essas crianças os recursos necessários para desenvolverem plenamente seus potenciais.

Três pilares formam a base do Instituto: formação acadêmica de qualidade, formação cultural e formação ética. A partir dessa base, as oportunidades para o público atendido são ampliadas sobremaneira visto que, além do desenvolvimento acadêmico, as crianças e jovens atendidos

(...) terão acesso a conhecimentos e experiências que ampliarão seus horizontes e criarão as bases para que eles se tornem cidadãos conscientes, com autonomia, segurança e visão de mundo e possam também contribuir para as suas comunidades e para o país como um todo⁴.

⁴ Assim disse o diretor voluntário do Instituto, Luis Eduardo da Costa Carvalho, em entrevista concedida para a RPM Assessoria de Imprensa e Comunicação Corporativa, em 23 de novembro de 2018.

Três programas⁵ integram o Instituto:

- o programa ESTRELA DALVA, que prepara crianças e adolescentes do Ensino Fundamental com altas habilidades acadêmicas para entrar em escolas públicas de excelência;
- o programa ALEXANDRIA, que proporciona apoio acadêmico e cultural aos alunos oriundos do Estrela Dalva e bolsistas de escolas particulares parceiras. Atende crianças e adolescentes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, que recebem suporte acadêmico personalizado e participam de diversas oficinas como Oratória, Línguas Estrangeiras Modernas, Impressão 3D, Stop Motion, Robótica, Geografia, Jornalismo; e
- o programa MAIS, que oferece oportunidades para crianças e adolescentes de classe desfavorecida, alunos do 1º ao 6º ano Ensino Fundamental da área rural do município de Rio Claro, estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de enriquecê-los acadêmica e culturalmente.

Para atender aos objetivos do presente trabalho, serão abordados os dois primeiros programas.

Gallagher (1985) propõe um modelo de currículo diferenciado para superdotados que enfatiza quatro modificações no conteúdo ensinado: aceleração do conteúdo, enriquecimento do conteúdo, sofisticação e novidade do conteúdo. Com relação a quem escolhe o conteúdo, ele propõe uma liberdade estruturada, um processo pelo qual o professor escolhe uma área de estudo bastante significativa, mas permite que o aluno explore livremente.

⁵ Informações concedidas pelo diretor voluntário do Instituto, Luis Eduardo da Costa Carvalho, em entrevista citada anteriormente.

A forma como os programas do Instituto LECCA são aplicados tem muito em comum com o que Gallagher propõe, pois além do conteúdo acelerado, do enriquecimento do que é ensinado, as crianças atendidas também têm a liberdade de explorarem na biblioteca ou no computador um assunto de seu interesse.

De acordo com Gama (2006, p. 90),

(...) educadores, nos vários países onde a educação de alunos superdotados existe há muitos anos, vêm lutando com a questão de **como oferecer** experiências de aprendizagem diferenciadas para alunos superdotados (**grifo meu**).

Quanto a isso, a conclusão a que Maker (1982, p. 57) chega é que “(...) embora existam diferentes modelos de ensino-aprendizagem para superdotados, não há, realmente, um que possa ser ideal. Existem, no entanto, princípios que regem os melhores momentos.”

2.2 O Programa Estrela Dalva

O Programa Estrela Dalva seleciona crianças superdotadas de famílias de classe desfavorecida, em geral moradoras de comunidades em situação de vulnerabilidade social, e as prepara para a entrada em escolas públicas de excelência. Durante dois anos, elas têm oportunidade de se desenvolver academicamente, de desenvolver o pensamento divergente (criativo e crítico) e de participar de atividades culturais, sempre no contraturno da escola. Ao estimular nestas crianças o gosto pelo estudo e pelo desafio, elas são preparadas para tornarem-se, no futuro, as grandes propulsoras do desenvolvimento do país.

A missão do Programa Estrela Dalva é propiciar a alunos intelectualmente superdotados e economicamente carentes uma educação escolar e extracurricular que permita que atinjam os níveis mais altos de especialização condizentes com seu potencial e se tornem adultos moral, cognitiva e culturalmente capazes de participar como verdadeiros cidadãos, de forma produtiva, na vida de suas comunidades e do país. O Programa Estrela

Dalva, portanto, se caracteriza pelo atendimento exclusivo à população de classe desfavorecida.

O programa é conduzido por uma equipe de profissionais com formação e extensa prática na educação e psicologia de crianças e jovens superdotados, dirigidos por Maria Clara Sodré Gama, Mestre em Educação pelo Lesley College (Cambridge, 1988), Doutora em Educação Especial pela Columbia University (Nova Iorque, 1991) e Pós-graduada em Administração de Projetos Sociais pela Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro, 2004).

Segundo Gama (1991), as metas dos programas de atendimento a alunos de classe desfavorecida e alto potencial devem ser bem claras em sua definição e acompanhamento, que deve ser presente no dia-a-dia do programa. Para Tenório (2002), o acompanhamento é o controle realizado durante o processo de execução das atividades do programa, trazendo como principal virtude a capacidade de promover correções ao longo do processo naqueles momentos em que desvios são perceptíveis. O acompanhamento é uma ação contínua, em que instrumentos selecionados para esse fim alimentam com informações todos os interessados no programa.

Para Cano (2002), a avaliação trata de comparar as dimensões relevantes em dois momentos do tempo, antes e depois da intervenção, para comparar se esta provocou a mudança esperada. Por outro lado, Cano (2002), propõe que as avaliações podem ser classificadas em vários tipos, partindo de um modelo mínimo de avaliação até as mais variadas extensões possíveis desse modelo. O modelo mínimo envolve a verificação dos efeitos da intervenção, incluindo os resultados.

Com base nesses teóricos, Maria Clara Sodré Gama se inspirou a criar o Programa Estrela Dalva, de modo a atender crianças com potencial superior de classes desfavorecidas, para promover diferenças em suas vidas e em sua comunidade.

2.2.1 Processo de Seleção

O programa avalia cerca de 2.500 a 3.000 alunos⁶ por ano das escolas municipais que fazem parte da 1^a, 2^a, 3^a e da 4^a Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) da cidade do Rio de Janeiro. Um dos critérios para a escolha das escolas é a localização, pois como os alunos deverão frequentar a instituição todos os dias no contra turno da escola, é importante que estas estejam localizadas em regiões com facilidade de transporte público. Nos bairros mais distantes, o Programa seleciona em escolas próximas a linhas do Metrô. Os critérios de avaliação utilizados são os seguintes: potencial intelectual Após a seleção, a cada ano, são formados dois ou três grupos de 12 crianças que serão atendidos pelo programa. (testes psicométricos validados), aptidão acadêmica (provas de conteúdo pedagógico de Português e Matemática) e entrevistas com a criança e com a família.

A primeira fase da seleção é composta de um teste psicométrico validado de inteligência lógica, o teste Raven. Os alunos que pontuarem acima do percentil 90 são selecionados para a segunda fase, que consiste em provas de Matemática, Português e Redação. A terceira fase é composta por entrevista com a criança através de um questionário validado e de uma entrevista com a família para colher dados sobre a situação socioeconômica e o interesse dos responsáveis para que a criança participe do Programa.

2.2.2 Metodologia do Programa

Um dos objetivos está inserido dentro da metodologia do programa, o desenvolvimento da autonomia cognitiva e autonomia moral dos alunos através de atividades extracurriculares no dia-a-dia.

O desenvolvimento da autonomia cognitiva dos alunos na fase inicial do programa tem como foco a expansão dos conhecimentos acadêmicos e da cultura geral dos alunos, bem como o desenvolvimento dos pensamentos criativo e crítico.

⁶ Os alunos são selecionados quando estão cursando o terceiro ano do ensino fundamental.

O programa possui três vertentes: aceleração acadêmica, enriquecimento curricular e desenvolvimento moral. Todo o trabalho realizado no Instituto LECCA tem um cunho transdisciplinar, ou seja, embora os alunos trabalhem essencialmente com Português, Matemática e Redação, os conteúdos acadêmicos estão imersos na transdisciplinaridade. O que se busca no Programa Estrela Dalva com a transdisciplinaridade é uma nova maneira de visualizar e compreender a natureza, o ser humano e a relação entre os dois. O avanço acelerado do conhecimento dá legitimidade a esta mudança. Dessa forma, criam-se pontes entre diferentes disciplinas. Este aspecto vem acontecendo a partir de meados do século XX com a preocupação em se trabalhar conteúdos de forma multidisciplinar ou pluridisciplinar (estudo de um objeto de uma disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo) e também com a ideia da interdisciplinaridade (transferência de métodos de uma disciplina para outra). Gama (2006) explica que a transdisciplinaridade se refere a aquilo que está, ao mesmo tempo, entre as disciplinas, através das disciplinas e para além das disciplinas.

No primeiro ano do programa, os alunos participam de aulas de cunho acadêmico, numa visão transdisciplinar, (Português, Redação, Matemática, noções de História, Geografia e Ciências) e de atividades que envolvem raciocínio lógico, literatura, discussão de temas relevantes da atualidade, uso de softwares educativos, visitas frequentes a espaços culturais, como exposições, concertos, museus e casas de ciência.

No segundo ano, o foco também passa a ser a preparação para os concursos discentes das escolas públicas de excelência do Rio de Janeiro: Colégio Federal Pedro II, Colégio Militar e Colégio Aplicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)⁷.

2.2.3 Trajetória do Programa

⁷ Diversos índices atestam a excelência do ensino dessas unidades, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), aplicado no 9º ano do ensino fundamental II, e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Por conta de seus projetos que fazem uso da tecnologia, o Colégio Pedro II recebeu o Prêmio Microsoft Educadores Inovadores em 2010. Já o Colégio Militar oferece aos seus alunos atividades extras que incluem hipismo e esgrima.

O programa Estrela Dalva também se orienta através dos princípios de Passow. Harry Passow foi um dos primeiros educadores a estudar as necessidades de crianças superdotadas e um dos primeiros a ver as necessidades de crianças que viviam em áreas urbanas de pobreza. O comitê curricular do Instituto de Treinamento de Liderança (Passow, 1982, p. 42) desenvolveu sete princípios orientadores para a diferenciação curricular:

- O conteúdo dos currículos para os estudantes superdotados deve se concentrar e ser organizado para incluir um estudo mais elaborado, complexo e aprofundado das principais ideias, problemas e temas que integram o conhecimento de diferentes sistemas de pensamento.
- Os currículos para estudantes superdotados devem permitir o desenvolvimento e a aplicação de habilidades de pensamento produtivo para permitir que os alunos reconceitualizem o conhecimento existente ou gerem novos conhecimentos.
- Os currículos para alunos superdotados devem permitir que eles explorem as constantes mudanças do conhecimento e informações e o desenvolvimento da atitude de apreciação da busca de conhecimento em um mundo aberto.
- Os currículos para alunos superdotados devem incentivar a exposição, seleção e uso de recursos e fontes apropriadas e especializadas.
- Os currículos para estudantes superdotados devem promover a aprendizagem e o crescimento auto iniciados e autodirigidos.
- Os currículos para alunos superdotados devem prover o desenvolvimento do autoconhecimento e a compreensão da interação com pessoas, instituições sociais, natureza e cultura.
- As avaliações dos currículos para estudantes superdotados devem ser conduzidas de acordo com os princípios previamente estabelecidos, enfatizando habilidades de pensamento de nível superior, criatividade e excelência em desempenho e produtos.

O Programa Estrela Dalva acredita que desenvolver um currículo que seja suficientemente rigoroso, desafiador e coerente para estudantes que são superdotados é uma tarefa desafiadora. Os resultados alcançados demonstram que os objetivos do programa foram atingidos. O currículo apropriadamente diferenciado produz estudantes bem preparados, experientes, com conhecimentos sólidos e com as habilidades de pensar de forma clara e crítica sobre seu próprio processo de pensar, habilidade esta conhecida como metacognição.

A visão do Programa é oferecer um trabalho de excelência que não só atenda aos alunos

participantes, mas também sirva de referência nacional e internacional em pesquisas e no trabalho com crianças e jovens superdotados acadêmicos provenientes de comunidades de classe desfavorecida.

No primeiro ano, parte do período em que estão no espaço do Programa é dedicada às aulas com foco em Português, Redação e Matemática, nas quais são introduzidas noções de História, Geografia e Ciências. A outra parte do tempo é destinada a jogos de raciocínio (quebra-cabeças, xadrez, Lego, jogos de conhecimentos gerais, jogos de palavras, etc.), leituras de livros (literatura brasileira e universal)⁸, análise e estudo de diferentes tipos de mapas e gráficos, discussão de temas relevantes da atualidade, visitas a exposições artísticas temporárias, museus, casa de ciência e pontos turísticos da cidade, filmes, concertos de música clássica, entre outras ações.

Estas atividades têm como objetivo proporcionar o enriquecimento cultural e a ampliação de conhecimentos gerais dos alunos. Muitos deles nunca tiveram a oportunidade de ir a um concerto, assistir uma peça de teatro ou mesmo de conhecer algum museu da cidade. A partir do momento que passam a ter contato com esse novo mundo, ganham um novo leque de vivências e despertam ainda mais o desejo pelo saber e por diferentes formas de conhecimento.

No segundo ano, o foco é o desenvolvimento acadêmico com vistas à realização de concursos para o ingresso em escolas públicas de excelência. Embora sejam reduzidas, as atividades culturais continuam sendo parte da rotina dos jovens.

Segundo relatos de Gama (2006), os grupos também têm crescido no seu desenvolvimento moral, ao longo dos anos, de acordo com a taxionomia de desenvolvimento moral de Kolberg. Esse modelo apresenta três níveis de raciocínio moral, bem explicados por Ligiéro e Rivera (2006):

⁸ O programa possui biblioteca com mais de dois mil livros. Os alunos são estimulados à leitura e a manter uma média de leitura de dois a três livros por mês. Eventualmente, visitam feiras ou atividades literárias, onde conhecem autores e ilustradores.

1. nível pré-convencional, caracterizado pela orientação das pessoas em função das consequências imediatas de seus atos (evitar castigos e defesa dos próprios interesses; as regras e expectativas sociais são totalmente externas a elas);
2. nível convencional, em que a pessoa se orienta em função das expectativas dos demais e da manutenção do sistema social como um todo;
3. nível pós-convencional, caracterizado pelo reconhecimento das pessoas sobre os valores, princípios e direitos universais, além do entendimento de que a conservação desses direitos constitui também deveres universais

2.3 Programa Alexandria

Existe um acompanhamento do participante após a saída do Estrela Dalva. Depois de ingressarem nessas escolas, os alunos continuam frequentando o programa, em horários mais flexíveis, para realizar suas tarefas escolares. O programa continua a apoiá-los academicamente e a orientá-los em suas escolhas, assim como a orientar as famílias em seus questionamentos e dúvidas em relação à trajetória de seus filhos. Esse atendimento destinado aos alunos já ingressados nas escolas públicas de excelência recebeu o nome de Programa Alexandria.

As atividades desenvolvidas no programa têm como objetivo proporcionar suporte aos conteúdos escolares, favorecer o pensamento crítico, fomentar o espírito científico, desenvolver o potencial criativo, o enriquecimento cultural e a ampliação de conhecimentos, levando os alunos superdotados de camadas populares a alcançarem formas mais abstratas e complexas de pensamento. Esse suporte acaba sendo maior em disciplinas não vistas pelo Programa Estrela Dalva, tais como História, Geografia, Ciências, principalmente pelo facto dessas escolas possuírem uma maior cobrança e um conteúdo mais aprimorado do que as escolas pelas quais os jovens passaram.

Esse apoio acadêmico inclui:

- Uso da biblioteca e do laboratório de informática para tarefas escolares;
- Empréstimos de livros de leitura brasileira e universal da biblioteca para seu lazer;
- Aulas de apoio no Programa sempre que sentirem necessidade.
- Apresentação dos boletins escolares, assim como resultados de participação em olimpíadas, concursos literários, concursos de desenho, etc.
- Convites para participar de oficinas, que são desenvolvidas com ajuda de voluntários.
- Bolsa de estudos integral no curso de inglês da Cultura Inglesa⁹.

Para alcançar tais níveis de pensamento de forma estruturada e consistente, trabalha-se no Instituto com a Taxionomia dos Objetivos Educacionais, criada por Bloom em 1956 e revisada em 2001, facilitando o planejamento de atividades cada vez mais complexas, levando os jovens superdotados a desenvolver habilidades de pensamento produtivas, complexas, abstratas e / ou de nível superior. Sendo assim, a Taxionomia de Bloom é um excelente suporte para integrar temas e ideias, facilitando o conhecimento de diferentes sistemas de pensamento.

Em 1948 a Associação Americana de Psicologia (American Psychological Association) partindo do pressuposto de que uma das formas de se organizar um processo é através do conceito de classificação, requisitou que alguns de seus membros se reunissem para discutir, definir e criar a uma taxionomia de objetivos de processos educacionais. Deste estudo surgiu a Taxionomia dos Objetivos Educacionais de Bloom.

Segundo Bloom (1972, p. 43),

(...) muitas pessoas percebiam que a capacidade humana de aprendizagem difere de uma pessoa para outra, mas por um grande período, pensou-se que o motivo pelo qual uma porcentagem de estudantes obtinha um

⁹ Cultura Inglesa é um curso de língua inglesa fundado em 1934, na cidade do Rio de Janeiro. Desde sua criação, vem apoiando eventos e projetos relacionados à cultura, entrelaçando Brasil e Inglaterra. Atualmente, suas unidades espalham-se por quatro estados brasileiros e mais o Distrito Federal.

resultado melhor do que outros estava relacionada às situações e variáveis existentes fora do ambiente educacional e que, nas mesmas condições de aprendizagem, todos aprenderiam com a mesma competência e profundidade o conteúdo. No entanto, Bloom e sua equipe ao direcionarem seus estudos nesta direção descobriram que todos os alunos quando submetidos as mesmas condições de ensino (desconsiderando variáveis externas ao ambiente) aprendiam, porém em níveis diferentes de profundidade e abstração de conhecimento.

As diferenças deixaram claro que as estratégias empregadas e a organização dos processos de ensino que eram dadas pelos professores interferiam diretamente nos resultados.

Para Conklin (2005) o facto de não haver até a década de 50 um consenso em relação a palavras que usualmente eram usadas quando se tratava de objetivos instrucionais foi o que fez da taxionomia de Bloom um marco. Sua contribuição à área acadêmica teve uma enorme importância. A princípio a ideia era que a taxionomia fosse usada para classificar objetivos de instrução e etapas da avaliação de desempenho dos alunos. A partir disso se estabelecia uma hierarquia, definindo habilidades e competências de forma a auxiliar no planejamento de situações de aprendizagem. Entretanto, a taxinomia foi usada também como uma forma de organizar níveis de pensamento. Segundo o autor a taxionomia de Bloom foi e ainda é uma das maiores contribuições para os educadores que buscam meios de estimular seus alunos a alcançar níveis de aprendizagem numa escala de raciocínio e abstração.

Recentemente a taxionomia criada por Bloom em 1956 foi revisada por um grupo de especialistas (psicólogos, educadores, especialistas em currículos, testes, avaliação etc.) supervisionados por David Krathwohl, estudioso este que também participou do desenvolvimento da Taxionomia original no ano de 1956. O relatório da revisão foi publicado num livro intitulado *A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Bloom's taxonomy for educational objectives* (**Uma taxonomia para aprender, ensinar e avaliar: uma revisão da taxonomia de Bloom para objetivos educacionais**, em tradução livre).

Para Gama (2006) as crianças superdotadas passam mais rapidamente pelos três primeiros níveis da taxionomia, principalmente nas áreas de maior habilidade e precisam ser

desafiadas por atividades que as levem aos níveis mais elevados da taxionomia. A autora explica também que as atividades dos níveis inferiores podem ser tornar mais eficazes quando planejadas para o grupo todo, por outro lado as atividades dos níveis mais elevados alcançaram melhores resultados quando planejadas de forma individualizada respeitando os interesses as características dos alunos superdotados. Um currículo para alunos superdotados deve levá-los a trabalhar sempre nos níveis mais altos da Taxionomia de Bloom.

CAPÍTULO III INVESTIGAÇÃO

3.1 Metodologia

Para a realização deste estudo, foi utilizada uma metodologia exploratória utilizando um questionário com perguntas abertas e fechadas para ser aplicado a 23 crianças dos programas do Instituto LECCA e seus pais¹⁰, bem como perguntas a integrantes da equipe pedagógica. Os dados e depoimentos foram coletados no final do ano de 2017.

As crianças inquiridas estavam por entrar para as escolas de excelência no ano de 2018. Por estarem já no final do programa, elas e suas famílias foram selecionadas como objetos de estudo, pois trariam uma visão mais clara de reconhecimento sobre como a participação nos programas afetou suas vidas. O intuito é de mostrar a situação da família em relação à sua renda e possíveis mudanças na vida social e acadêmica, não só da criança, mas de toda a família.

Inquérito aos pais

Pergunta:

Qual o seu grau de escolaridade?

Respostas:

Fundamental incompleto

Fundamental completo

Ensino médio

Superior incompleto

Superior completo

¹⁰ Sobre importância da participação dos pais nos inquéritos, assim dizem Guenther e Freeman (2000, p. 159): “A parceria de pais, professores e das próprias crianças é essencial para forçar mudança de políticas administrativas, bem como para realização dessas políticas em ação correta”.

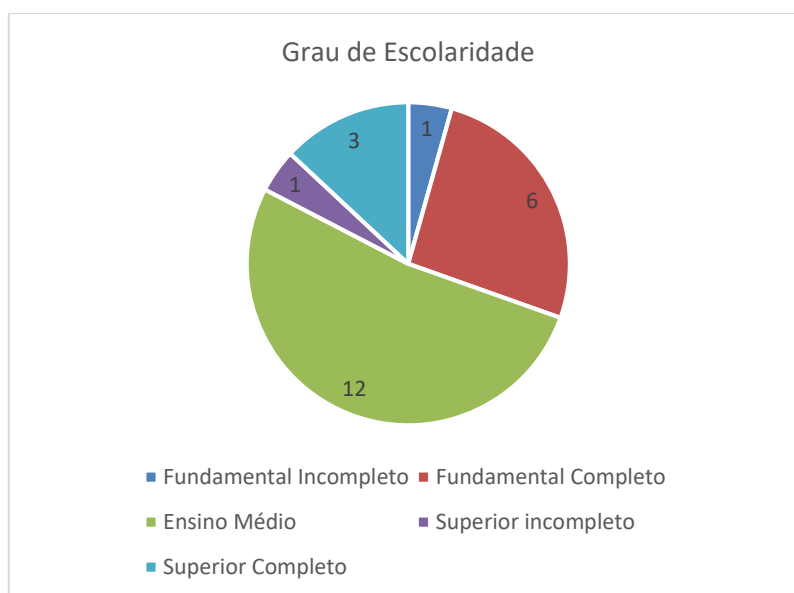


Gráfico 1: grau de escolaridade dos responsáveis

Pergunta:

Qual sua faixa de renda?

Respostas:

Não tem renda

Menos de 1 salário mínimo

De 1 a 3 salários mínimos

Mais de 3 salários mínimos

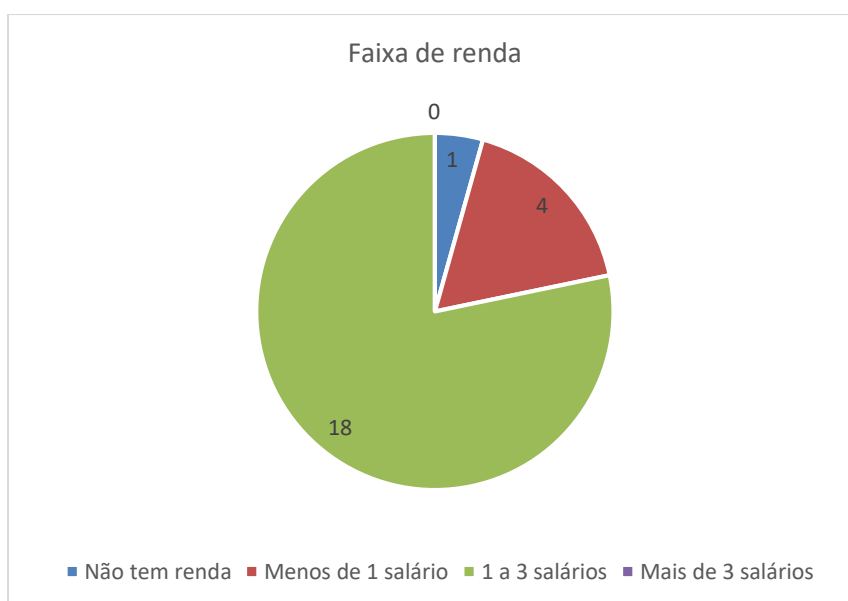


Gráfico 2: faixa de renda dos pais

Pergunta:

Houve alguma mudança na vida social, acadêmica e/ou cultural da família após a entrada da criança no programa?

Respostas:

Sim

Não

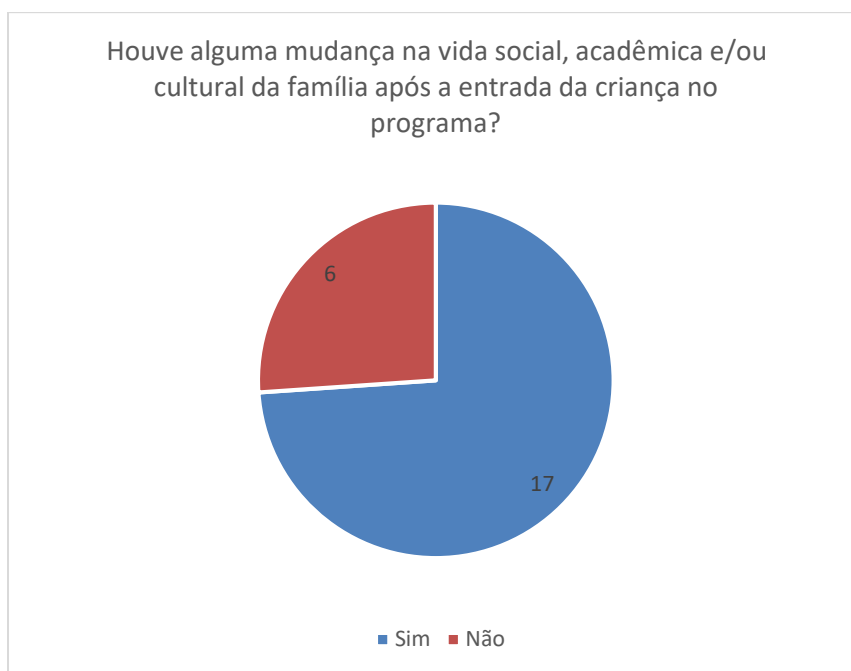


Gráfico 3: mudanças constatadas após entrada da criança no programa

O interessante nessa pergunta é que todos justificaram o desejo de voltar a estudar, concluir a escola, ou ingressarem em curso superior, e até mesmo o interesse por livros, e diferentes passeios, como ir a museus por exemplo. Isso foi fortemente percebido nos 7 anos de programa: não só os participantes, mas os familiares também começam a sonhar com um novo futuro, um sonho novo, cheio de possibilidades, abertos a conquistas infinitas, o que é corroborado por Gama (1991).

Conforme Chagas (2008, p.19), a percepção parental sobre a superdotação seria

(...) construída e afetada pela experiência prévia dos pais com outros membros da família, da comunidade ou através da mídia. Seus valores e crenças sobre o tema poderiam levá-los a reconhecer e estimular algumas habilidades em detrimento de outras.

Inquérito às crianças:

Pergunta:

Você gosta de frequentar o Programa?

Respostas:

Sim

Não

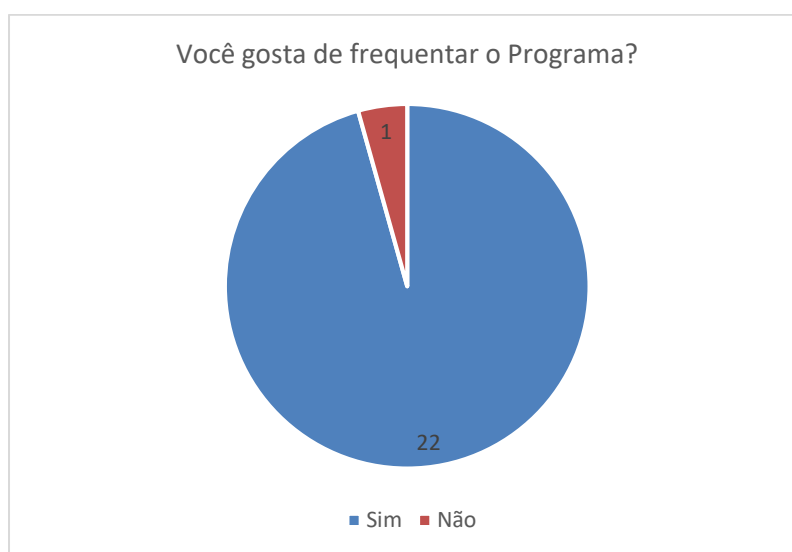


Gráfico 4: crianças que gostam de frequentar o programa

O mais interessante dessa pergunta foram as justificativas, as quais são condizentes com a característica do superdotado. A maioria justificou o facto do Programa ser desafiador, por aprender mais e gostar de estudar os conteúdos avançados.

Pergunta:

Você, antes de entrar para o Programa, se achava diferente das outras crianças?

Respostas:

Sim

Não

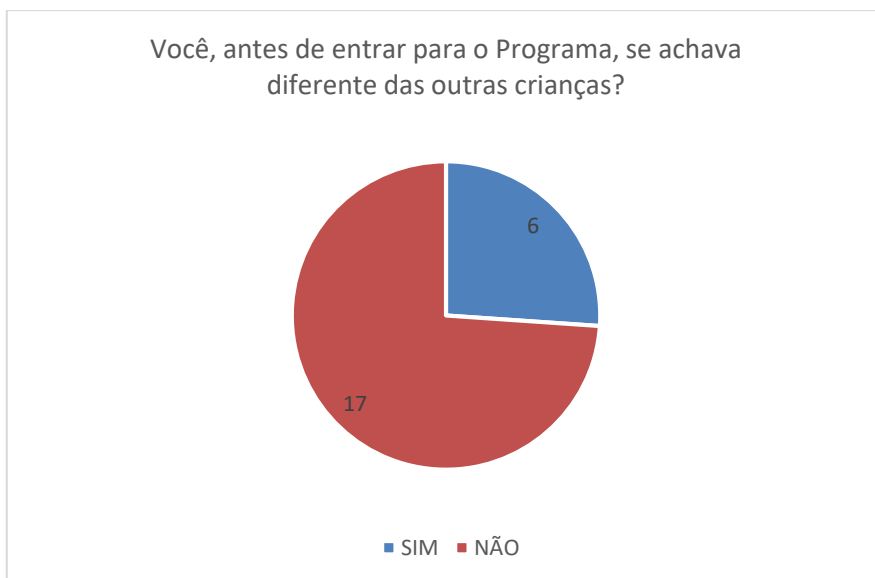


Gráfico 5: visão das crianças sobre si mesmas antes do programa

Pergunta:

Depois da permanência no Programa, se acha diferente das outras crianças?

Respostas:

Sim

Não

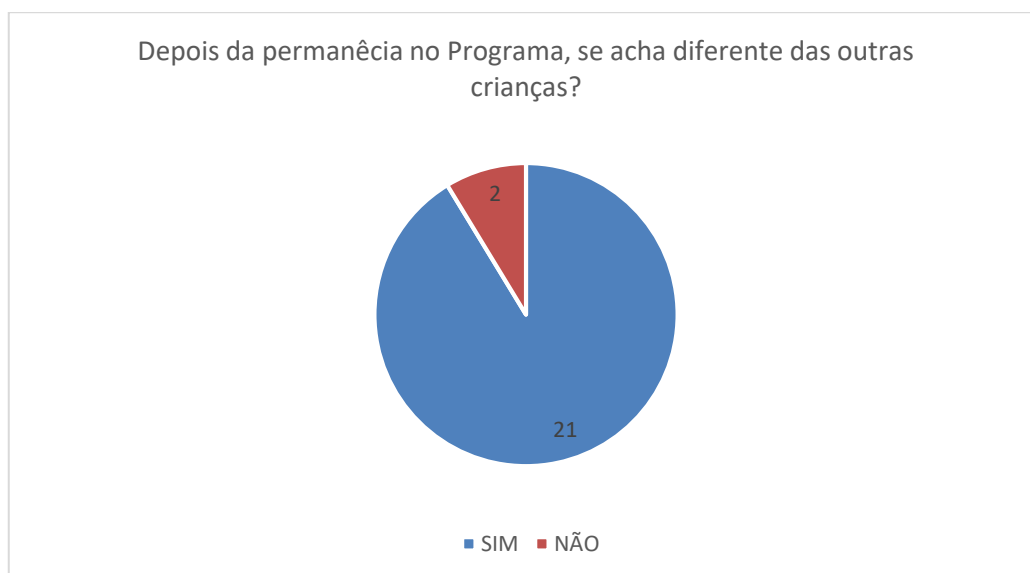


Gráfico 6: visão das crianças sobre si mesmas depois do programa

Pergunta:

A escola passou a ser diferente para você depois da sua permanência no Programa?

Respostas:

Sim

Não

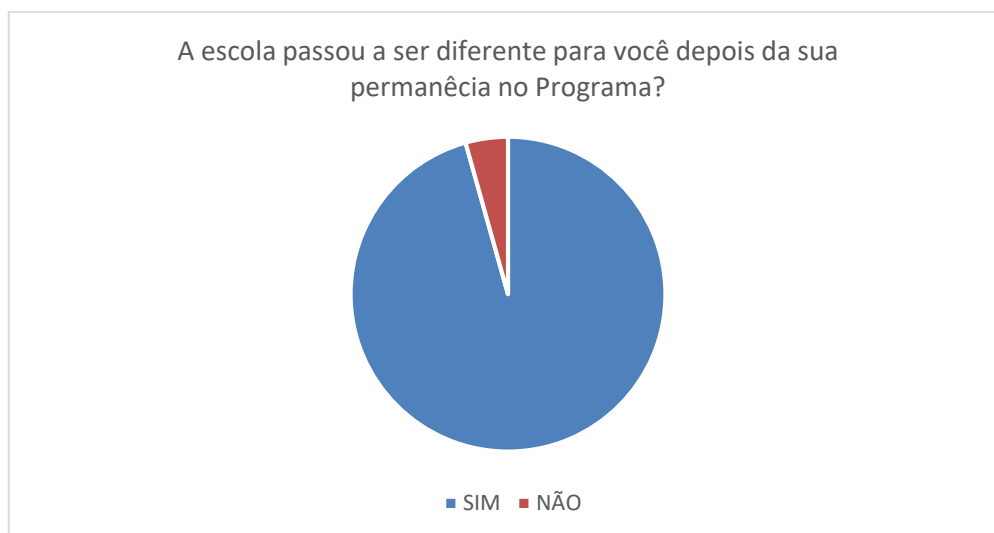


Gráfico 7: Opinião das crianças sobre as escolas regulares

Em sua maioria, os alunos justificaram que a escola se tornou aborrecida, o que justifica uma atenção ou um olhar ainda maior para a criança superdotada no ensino regular. Muitos, após um tempo no Programa, questionam e pedem para que possam frequentar somente o Programa, e não mais a escola.

Segundo Gama (2006), fundamental nos programas de atendimento a alunos superdotados é permitir a sua auto-realização por meio da educação individualizada. É assim que os alunos se sentem ao entrarem no Programa, como mostram suas respostas na pesquisa – além de seus resultados acadêmicos e culturais.

3.2 Perspectivas/Relatos

Foi feita também uma entrevista¹¹ com três funcionários do programa (Func. 1, Func. 2 e Func. 3); uma coordenadora pedagógica (que chamaremos Coord.); duas professoras (Prof. 1¹² e Prof. 2); com dois ex-alunos (Ex-aluno 1 e Ex-aluno 2); e uma ex-funcionária (Ex-func.¹³), que também foi atendida por um programa para superdotados e, posteriormente, foi chamada para ser professora do Instituto LECCA.

Prof. 1 - Professora de Português e Redação

“Conheci a superdotação, como conceito e prática, através do Instituto, onde atuo há 3 anos. Na universidade de Letras, nunca entrei em contato com o estudo de excepcionais, inclusive altas habilidades/superdotação (AH/SD). Hoje acredito que a superdotação é uma combinação de Altas Habilidades e do estímulo adequado ao seu aproveitamento e desenvolvimento, por isso a relevância da identificação desses jovens, para estimular o desenvolvimento de suas habilidades.

No contexto atual do Brasil, programas e organizações voltados à superdotação se fazem necessários, visto que a escola regular não costuma estar atenta/saber lidar com essa excepcionalidade, o que pode acarretar num grande dano para o aluno.

No caso das crianças atendidas pelo Estrela Dalva, essa identificação e trabalho se fazem ainda mais importantes, pois muitos ali não dispõem de um estímulo cultural através de suas famílias, limitadas por questões financeiras e mesmo de desconhecimento. É perceptível o quanto o programa faz bem individualmente a esses jovens – acadêmica e socialmente - que, conseqüentemente, fazem bem às suas famílias e comunidades.

¹¹ As identidades dos entrevistados foram ocultadas para preservação de sua privacidade.

¹² Esta professora optou por redigir um resumo, reunindo todas as respostas em um único texto.

¹³ Esta ex-funcionária optou por gravar um depoimento, o qual foi transcrito e submetido a revisão gramatical.

É interessante observar a consciência que os alunos vão tendo com o passar do tempo sobre a relevância que o Programa teve em suas vidas, os conteúdos que aprenderam, as visitas/passeios que fizeram, os exemplos que tiveram, são tópicos comuns com alunos mais velhos ou egressos do programa”

Prof. 2 - Professora de Matemática

O que entende de superdotação?

A superdotação é uma característica do raciocínio promovida pela alta habilidade inata em uma ou mais das múltiplas inteligências seja ela intelectual, artística ou esportiva.

Como vê o programa?

O programa promove a mobilidade social de crianças e adolescentes de classe desfavorecida através da educação, visando que seus alunos ingressem em escolas de excelência. Sua função é extremamente importante em virtude da facilidade de aliciamento deles pela contravenção e para que sejam estimulados adequadamente para que possam ter seu potencial absorvido pela sociedade de maneira positiva.

Qual a importância do programa na vida dos alunos/família?

Além do supracitado a assistência social fornecida auxilia na aquisição de benefícios que muitas vezes são desconhecidos pelos familiares. O instituto visa ampliar a visão de mundo tanto para as crianças quanto para os familiares. Sua importância vem em função da falta de conhecimento gerada pela má educação proporcionada pelo Estado, a permanência do povo na ignorância é projeto de governo que vem se repetindo há muitos anos no Brasil.

Se já trabalhou no ensino regular, vê alguma diferença no planejamento das aulas e colocações/interesse dos alunos?

O ritmo imposto em sala aula se diferencia das classes comuns, sua velocidade de aprendizagem é um desafio para o professor que impõe uma preparação mais diversificada para que seja possível suprir todas as necessidades desses alunos.

Que transformação consegue ver no aluno com talento superior (especificamente de classe desfavorecida)?

As diferenças são percebidas desde a forma de se relacionar com outras pessoas como sua visão de mundo, nas aulas são propostos dilemas e questões da vida cotidiana que os faz concluir por si próprios o que acham ser correto ou errado baseado em factos e não opiniões, saindo do ponto de vista do senso comum. Eles passam a acreditar mais em si e que podem construir uma vida e uma sociedade melhor.

Coord.

O que entende de superdotação?

É a capacidade superior de um indivíduo em alguma(s) área(s) da inteligência. Geralmente esse indivíduo apresenta habilidades superiores a pares de sua faixa de desenvolvimento, o que demonstra talento em alguma área específica. Entre 2 a 5% da população mundial, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), se encaixam nessa categoria em uma ou mais áreas.

Como vê o programa?

Como uma oportunidade de “salvar” crianças e adolescentes que estão inseridos no ensino

público, mas não têm seus talentos e capacidades reconhecidos. O programa identifica e leva a essas crianças e jovens possibilidades para desenvolverem suas capacidades e habilidades para que possam, através da educação, transformar suas trajetórias de aprendizagem e de vida.

Qual a importância do programa na vida dos alunos/família?

Na vida dos alunos ele possibilita que reconheçam suas capacidades e que através do desenvolvimento cognitivo e moral possam transformar suas vidas, se realizando como pessoas do bem e como profissionais bem-sucedidos. Ele também permite que eles possam sonhar com um futuro diferente e melhor. Na vida das famílias, coloca essa criança ou adolescente em um novo lugar e abre possibilidades para que toda família perceba a importância do estudo e da dedicação para se alcançar novas possibilidades. É comum pais e responsáveis retomarem os estudos e irmãos também acabam se beneficiando com essa nova visão de seus pais.

Se já trabalhou no ensino regular, vê alguma diferença no planejamento das aulas e colocações/interesses dos alunos?

Sim, muitas! O aluno do programa tem vontade de aprender além de ter uma compreensão mais rápida, melhor memória e muita curiosidade. Eles gostam de desafios e são mais questionadores.

As aulas precisam ser planejadas de forma que os conhecimentos sejam construídos junto com os alunos. Nada de conhecimento pronto! Os conteúdos devem ser apresentados de forma instigantes e o professor precisa ter flexibilidade para rever os planejamentos de acordo com o rumo das aulas. É importante trazer conteúdos diferentes também e de forma transversal ao que está sendo trabalhado com o grupo. O professor não pode “disputar” conhecimento com os alunos.

Que transformação consegue ver no aluno com talento superior (especificamente de classe desfavorecida)?

Os alunos passam a acreditar em si mesmos, antes eles não se reconheciam como pessoas com capacidade superior e com possibilidades diferentes das dos seus pais. Passam a desejar um futuro diferente dos seus familiares em geral e se permitem sonhar com possibilidades nunca pensadas para eles. Como, por exemplo, um curso superior, estudos em outros países, uma vida de mais estabilidade etc. Eles, muitas vezes, passam a vislumbrar um mundo novo e diferente das comunidades onde vive. Muitas vezes, como não estão sendo identificados nas escolas e nem atendidos nas suas necessidades, eles acabam se entediando e abandonando a escola. Nesses locais o mais comum é o jovem se envolver em atividades marginais para fugir da situação de vulnerabilidade em que se encontra. E o pior de tudo é que os poderes desse lado marginal conseguem, muitas vezes, perceber quem são essas crianças e jovens mais capazes os envolvendo e captando para o lado deles.

Considero o Programa de extrema importância dentro do contexto social do país no momento. A grande maioria dos alunos, que já passou por esse Programa nos seus primeiros anos de existência (2007 a 2010), está estudando nas melhores universidades do estado do Rio de Janeiro, cursando os cursos de graduação de sua preferência, estagiando em boas empresas e cheios de perspectivas para o futuro. É um Programa que transforma vidas!!

Ex-func.

“O termo “superdotação” sempre teve um grande peso para mim, sempre me causou grande impacto. Entendo que essa palavra vem carregada de expectativas, de julgamentos e de cobranças, especialmente quando falamos de crianças pequenas. Vem acompanhada de possibilidades também, mas nem sempre isso é visto com clareza.

Fui selecionada para um programa similar ao LECCA quando eu tinha 11 anos. Depois

de formada no curso de Pedagogia, tive a oportunidade de trabalhar no Instituto LECCA, atual Apontar. Desse modo, posso dizer que tenho um olhar sobre as questões que vou aqui falar de ambos lados.

Quando criança, recém-selecionada para o programa para crianças de altas habilidades e de classe desfavorecida, lembro de ficar super empolgada! Mesmo muito nova, fiquei feliz com a possibilidade de alguém olhar pelos meus estudos! Não que meus pais não cuidassem disso, mas eu nunca fui muito cobrada por eles, já que eu me cobrava o suficiente, diziam. Aliás, acho que essa foi uma questão determinante para me selecionarem. O que o programa fez por mim foi me mostrar que aquilo me levaria a algum lugar na vida e me deu as melhores oportunidades que eu poderia ter tido. O programa certamente mudou o rumo da minha vida.

Acredito que esse seja o maior legado de programas como esse: oferecer oportunidades para que crianças possam fazer escolhas que impactarão o futuro delas. Quando se vem de uma família de classe desfavorecida, é preciso muita ousadia e coragem para sonhar. Muitas vezes, até mesmo desenhar um sonho só é possível com conhecimento, com informação. E, acima de tudo, quando se há mínimas possibilidades para correr atrás do que se quer. Lembro de me questionarem, certa vez, se eu não sonhava em viajar, conhecer lugares pelo mundo. Minha resposta foi “Não...”. Sabia que aquela resposta era estranha, que o certo era desejar isso. Mas como eu poderia sonhar com aquilo se eu acompanhei durante toda a minha vida meus pais se esforçando para pagar o aluguel da nossa casa precária?

Depois de um tempo no programa, lembro que eu já tinha um sonho secreto: fazer doutorado na Inglaterra. Veja bem, eu tinha acabado de aprender a diferença entre vestibular e faculdade, e já tinha um sonho desse tamanho! E esse foi o maior presente que esse programa me deu: a coragem para sonhar grande. De quebra, me deu as melhores oportunidades para chegar lá. E sonhar mais.

Enquanto criança, escutei que eu tinha uma inteligência diferente das dos meus colegas

da escola. Parece que era acima da média. Sempre questionei isso, embora um teste tenha revelado isso. Talvez seja essa a questão mais dura que me acompanhou ao longo dos anos: meu questionamento acerca da minha inteligência. Isso porque o ambiente acabava sendo de comparação e expectativas. Sentia que precisava provar para o programa (e, especialmente, para mim mesma) que eu merecia estar ali. Ao longo dos anos, eu compartilhava essa angústia de não me achar merecedora de estar naquele espaço ao questionar o teste. Me diziam que eu tinha dedicação obstinada à tarefa. E isso realmente eu não poderia negar. Comecei a olhar para minha sede de aprender, o meu prazer por estudar como uma justificativa razoável para entender um pouco mais sobre as altas habilidades, sobre eu estar ali.

Então, para mim, a superdotação sempre foi mais do que a precocidade, o talento e o pensamento divergente. A dedicação obstinada é tão importante quanto os outros factores. Esse olhar orientou e orienta a minha prática docente até hoje: a dedicação é decisiva para alguém que tem altas habilidades, assim como alguém que tem inteligência mediana. Crianças com esse laudo continuam sendo crianças: cometem erros, têm pontos fracos, têm áreas de interesse, não precisam ser rápidos no raciocínio. Precisam, sim, ser encorajadas a dar o seu melhor sempre. Sua inteligência acima da média deve ser encarada como possibilidade de ir além, com foco, resiliência, *dedicação*. Essa capacidade deve ser orientada e encorajada, mas a criança não precisa provar nada a ninguém.”

Ex-aluno 1

“Tenho 19 anos de idade. Eu saí do LECCA faz 8 anos, e até hoje eu tenho bem claro o que esses 2 anos fizeram por mim como pessoa e estudante. Foi uma surpresa me descobrir superdotado quando até então era só um pouco mais "inteligente" do que meus outros colegas. As pessoas sabem quando você é diferente dos outros, e de uma forma boa ou ruim você é tratado de outra forma, tantos por seus colegas como professores. Estes têm expectativas até muito altas que quando se é uma criança você não entende para que toda essa atenção e exigência. Ser superdotado para mim foi, por muito tempo, ser mais inteligente, tipo, não me esforçar tanto para aprender e ir bem em prova; mas hoje eu percebi que não necessariamente, depois que convivi com outras pessoas na mesma

situação percebi que cada um manifesta a sua capacidade de uma forma diferente do outro, essa pessoa superdotado possui alguma habilidade ou habilidades de absorver alguns conhecimentos e de expressá-lo de forma incomum, ela pode ver além do que é mostrado, devido a profundidade que seus pensamentos conseguem atingir – que não é óbvio para outras pessoas, nem mesmo para outro superdotado.

O Programa fez uma diferença enorme na pessoa que eu sou hoje em todas as áreas imaginadas, não só pelo que me proporcionou, mas também pela experiência em si, eu descobri que eu posso ser inteligente mas vai ter provas e situações que outros irão melhor do que eu e tá tudo bem porque não desqualifica o meu esforço. Também aprendi a conversar e ouvir com minhas professoras, tantas histórias lindas que aprendi a apreciar por causa da biblioteca, no final o meu mundo ficou enorme e a minha confiança de que eu poderia explorá-lo também. Esse atendimento diferente foi muito importante para mim, fizeram eu me entender como pessoa, e também ajudaram a minha família a me entender, eu não era mais tão estranha aos olhos deles.

Hoje eu não tenho mais tanto contato dentro do programa, mas sempre que eu tive dificuldade durante o Colégio Pedro II para me adaptar ou aprendizado eles me estenderam a mão e recebi por um tempo aulas de reforço além de ser sempre convocada a participar de oficinas como robótica, biologia e economia das quais eu fiz parte e adorei! E o curso de inglês da Cultura Inglesa que eu tenho nas costas hoje também faz uma menor enorme diferença e é tudo graças ao programa que nunca me esqueceu. Minha família sabe muito bem a diferença entre o eu de hoje e antes do LECCA, todos eles participaram da minha trajetória e aprenderam várias coisas, mesmo que as vezes eu fosse vista como arrogante por trazer um ponto de vista um tanto complexo e diferenciado na visão deles que não tiveram as mesmas oportunidades, mas nunca me desqualificaram sempre me apoiaram e não é atoa que atualmente eu curso Medicina Veterinária na Universidade Federal Fluminense, da qual entrei assim que terminei o ensino médio, e estou me construindo para no futuro ser uma das pessoas que será responsável para preservação e conservação de diversas espécies e seus habitats.

Eu me formei num dos melhores colégios, e graças a ele eu tive muitas coisas, eu não tenho noção do que aconteceria comigo sem ele, mas como tudo tem sua falhas, a educação pública carece de profissionais preparados para lidar com o jovem na sua pior fase, que são as mudanças de ambiente, de mente, de corpo, de amigos, eu tive professores sensíveis que nos fizeram conversar e ajudaram a lidar com a vida, mas também outros que fizeram eu e outros colegas sentirem como se não tivéssemos ninguém para nós ajudar com situação X sendo que na teoria aquela era sua responsabilidade, vi outros profissionais juntarem do seu dinheiro para alimentar a escola pela falta de investimento e muitos estudantes e trabalhadores do colégio fazendo o possível para manter a escola viva e saudável para todos mesmo sem ajuda externa, mas nunca em nenhuma instituição escolar que eu frequentei tive qualquer atendimento em relação a ser superdotado, porque prova é só mais um meio de fazer você passar de ano ou não, nunca tentar descobrir talentos ou te evoluir como pessoa, falta todo atendimento não só a superdotados, como a esportistas, qualquer tipo de artista, e até pessoas com sérias dificuldades como possuir déficit de atenção entre outros, mas espero que isso mude um dia.”

Ex-aluno 2

“Tenho 20 anos. Em 2009 eu fui selecionado para fazer parte do instituo LECCA, depois de fazer provas e entrevistas que eu não entendia bem para o que era na época. Falavam em colégios como Pedro II, CAP da UERJ, nomes que eu nunca tinha ouvido falar. Minha mãe ficava animada e eu só queria continuar brincando na rua com meus amigos.

No primeiro dia conheci meus novos colegas de classe e percebi já naquele primeiro dia, e nos dias seguintes, que eles eram diferentes. Eram mais inteligentes do que o normal, possuíam talentos diferenciados, até pelo modo em que nos divertíamos brincando com peças de Lego. Perto deles eu já não me sentia tão inteligente quanto na escola. Conheci professores que não desistiram de mim apesar de eventuais dificuldades e fizeram questão de extrair o melhor de mim.

Hoje, 8 anos depois de ter participado do programa, vejo a diferença que fez o tratamento especial comigo (acredito que com todos) em relação ao aprendizado. Sem eles acredito

que dificilmente eu chegaria a pensar em passar em 1º lugar em um colégio público, como o Pedro II. Posteriormente, penso também que teria minhas chances diminuídas na tentativa de ingressar na faculdade a qual estou hoje (Arquitetura e Urbanismo - UFRJ), uma vez que, mesmo depois de ter saído, o curso me ofereceu ajuda na preparação para provas de vestibular, inclusive me ajudando a descobrir a opção de curso, com oficinas. Sem esquecer da bolsa no curso de inglês. Tudo isso visto que, minha família sempre foi pobre e nunca teve condição de pagar qualquer instituição de ensino.

Dessa forma, só tenho a agradecer a instituição, pois se cheguei onde estou academicamente, e me tornei a pessoa que sou, é graças a ela. O iLECCA foi ferramenta chave para o meu processo educacional.

Entretanto resta um pensamento: Será que todas as crianças diferentes, como nós, poderam chegar aonde chegamos? Ou será que tiveram todo seu talento desperdiçado por não ter tido um tratamento diferenciado, como tivemos? Me entristesse pensar na segunda hipótese, pois sei que possivelmente ela foi, e é, a realidade de muitas crianças. Dessa forma, penso que as instituições de ensino deveriam ser mais como o iLECCA, que ajudassem potencializar o talento intelectual, sobretudo, de crianças que não tem a oportunidade de atingir o todo o nível que tem capacidade, devido a sua situação socioeconômica”

3.3 Resultados do Programa

Entre os anos de 2007 e 2012, os seguintes objetivos foram alcançados:

- 17.992 alunos de escolas da rede municipal foram testados
- 144 alunos foram selecionados para o Programa
- 108 alunos participaram dos concursos para escolas públicas de excelência

Ao longo desses anos, foram avaliados pelo Programa alunos de escolas localizadas nas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª CRE's. Foram testados alunos de 56 escolas municipais.

O processo de avaliação e seleção consta de três fases:

- Teste psicométrico de raciocínio lógico
- Avaliação de desempenho acadêmico
- Entrevistas com os alunos e seus responsáveis

Cada etapa do processo é eliminatória. Ao final da 3ª etapa, poucos são os alunos que apresentam os critérios exigidos para a entrada no Programa. O total de alunos aprovados ao longo desses anos representa 80% daqueles que realizaram as provas de concurso para as escolas de excelência. Embora os alunos do Programa sejam incentivados a participarem do processo de seleção das três escolas federais (Colégio Pedro II, CAP UERJ e Colégio Militar), são poucos os que participam das três seleções. Por outro lado, embora não sejam todos os alunos que realizem todas as provas, o desempenho dos alunos nas avaliações que realizam é bastante bom. Comumente as primeiras colocações nos processos seletivos dessas escolas são de crianças que participaram do Programa Estrela Dalva.



Gráfico 8: aprovação das crianças participantes em escolas de excelência

CAPÍTULO IV CONCLUSÃO

Este estudo torna perceptível a importância da identificação da criança superdotada o mais cedo possível para que essa possa ser acompanhada devidamente de acordo com as suas capacidades. Isso se refere ao trabalho dos profissionais que atuam com esse público, como é o caso do professor, do psicólogo e do psicopedagogo, cada um atuando dentro de suas áreas do conhecimento, tecendo um trabalho transdisciplinar.

É importante levar em consideração o conhecimento das características do superdotado pelos profissionais que atuam nesse campo, tendo em vista que a falta de conhecimento em relação ao assunto pode levar a um “falso diagnóstico” do aluno, o que atrapalha o seu desenvolvimento, com a ausência de um programa específico para suas necessidades. Como muitos profissionais desconhecem as características de um superdotado, muitas vezes seu diagnóstico é tardio, e o aluno deixa de aproveitar muitos momentos em que poderia estar aprendendo, parecendo estar desatento às aulas, que não lhe despertam interesse.

Sobretudo, é importante ter conhecimento sobre programas especiais para a criança superdotada, para que a escola ou a família a encaminhe devidamente e reconheça a importância desses projetos, sabendo-se que a escola em si geralmente não possui atividades específicas para esse aluno.

Segundo Sapon-Shevin (2003, p. 135),

(...) a importância da oferta de educação especial aos alunos superdotados se justifica de três maneiras: as necessidades educacionais dos alunos, a justiça social e a necessidade econômica do país. Do ponto de vista das necessidades educacionais dos alunos, justifica-se a diferenciação da mesma maneira que se justificam diferenciações para alunos com deficiência física ou intelectuais. Do ponto de vista da justiça social, justifica-se a oferta de atendimentos diferenciados dentro da lógica da equidade, ou seja, para alunos diferentes é justo que o atendimento seja diferente. E por fim, do ponto de vista econômico e político, justifica-se a diferenciação a partir das exigências que a modernidade impõe sobre países que querem atingir níveis elevados de desenvolvimento tecnológico, científico e social.

Todos esses pontos citados por Sapon-Shevin foram levados em consideração quando da fundação do Instituto LECCA. Foi pensando nessas crianças, principalmente de classe desfavorecida sem muitas perspectivas de vida acadêmica e profissional, que houve a preocupação de atendimento. E ele mostrou e mostra até hoje suas transformações.

Segundo Gama (2006) um caminho para a diminuição da desigualdade pode ser conseguido através do reconhecimento dos jovens talentosos. Quando estes talentos pessoais são identificados e trabalhados, podem ser transformados em oportunidades de desenvolvimento profissional e de inserção social.

Pode-se dizer que, após a identificação da superdotação, é necessário que haja um trabalho voltado para o desenvolvimento das capacidades, uma prática especializada, posterior à identificação, que é apenas o primeiro passo. E além de um diagnóstico preciso, é importante que a família tenha orientação para saber como lidar com a criança, não só no que diz respeito à sua vida acadêmica, mas também às leis que a amparam.

Por fim, vale reafirmar a importância e relevância que o programa teve na vida das crianças superdotadas de classe desfavorecida – não só enquanto permaneceram no programa, mas na continuação na sua trajetória de vida. Elas puderam se aperfeiçoar culturalmente, lapidar seu conhecimento acadêmico e desfrutar da oportunidade de estudar em uma escola mais desafiadora que lhe abra infinitas portas para o futuro.

Bibliografia

- Alencar, E.M.L.S. & FLEITH, D. S. (2001). *Superdotados, determinantes, educação e ajustamento*. São Paulo: EPU.
- Bloom, B (1972). *Taxionomia dos objetos educacionais*. Porto Alegre, Globo.
- Cano, I. (2002). *Introdução à avaliação de programas sociais*. Rio de Janeiro, FGV.
- Chagas, J.F. (2008). *Adolescentes talentosos: características individuais e familiares*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Cupertino, C. M. B. (org.). *Um olhar para as altas habilidades: construindo caminhos*. Secretaria da Educação. São Paulo, FDE, 2008.
- Decreto n. 6.135, de 26 de junho de 2007 (2007). *Dispõe sobre o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e dá outras providências*. Brasília. 2007. Recuperado em 10 outubro, 2018, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6135.htm
- Delou, C. M. C. (2007). Educação do aluno com Altas Habilidades/ Superdotação: legislação e Políticas Educacionais para a inclusão. In Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. *A construção de práticas educacionais para alunos com Altas Habilidades/ Superdotação*. (Vol. 1)
- Engels, W. (2002). *De problema a solução*. Rio de Janeiro, O Globo.
- Freeman, J. & Guenther, Z. (2000). *Educando os mais capazes: ideias e ações comprovadas*. São Paulo, EPU.
- Gama, M. C. S. (2006). *Educação de Superdotados: teoria e prática*. São Paulo, E.P.U.
- Gallagher, J.J. (1985). *Teaching the gifted child*. Newton, MA: Allyn and Bacon, Inc.
- Gardner, H. (1994). *Estruturas da mente*. Porto Alegre, Artes médicas,1993.
- Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996 (1996). *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília. 1996. Recuperado em 10 outubro, 2018, de <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>
- Ligiéro, M. B. & Rivera, M. F. (2006). O desenvolvimento moral de alunos superdotados. In *Educação de Superdotados: teoria e prática*. São Paulo, E.P.U.

Maker, C.J. (1982). *Teaching models in the education of the gifted*. Austin, TX: PRO-ED.

Passow, A.H. (1982). *Differentiated curricula for the gifted talented*. Ventura, CA, National/State Leadership Training Institute on the Gifted and Talented.

Renzulli, J. S. (1977). *The enrichment triod model: A guide for developing defensible programs for the gifted and talented*. Mansfield Center, CT, Creative learning press, Inc.

Sapon-Shevin, M. (2003). Equity, excellence, and school reform: Why is finding common ground so hard? In J.H Borland (Ed), *Rethinking gifted education* (pp. 127-142). New York, Teachers College Press.

Tenório, F.G. (2002). *Gestão de ONGs: principais funções gerenciais*. 6.ed. Rio de Janeiro, FGV.

Winner, E. (1998). *Crianças Superdotadas: mitos e realidades*. Porto Alegre. Editora Artes Médicas Sul.

ANEXOS

Anexo 1

Alunos participantes do Programa que ingressaram em escolas públicas de excelência

Ano início do programa	Alunos Testados	Nome do grupo	Alunos Selecionados	Alunos Aprovados nas Escolas de Excelência
2007.1	-	Aquarius	9	6
2007.2	1246	Belatrix	12	11
2008.2	1.329	Colomba	12	11
2009	2328	Draco-Denebola	24	19
2010	3.570	Erídano-Escorpião	24	20
2011	3.004	Flecha-Fênix	24	23
2012	3.421	Gemini-Grou	24	23
2013	3.091	Hércules-Hélius	24	24
2014	2096	Iota-Indus-Izar	36	34
2015	2647	Jordanus-Jih	24	21
2016	3519	Lira-Lince-Lebre	36	36
2017	5703 (2921 4º ano+2782 8º ano)	Mizar-Mintaka-Merak-Machado de Assis	36 (4º ano)+23 (8º ano)	29 (6º ano) 19 (Ensino Médio)
2018	1455	Nihal-Navi	24	
2019	3542 (2150+1392)	Omega-Órion-OscarNiemeyer	24+22	

Anexo 2

Relação de alunos que se encontram em Universidades

Universitários Instituto LECCA/Apontar

Grupo: Aquário

Nome	Curso	Instituição
A. G.	Engenharia	UFRJ
B. A.	Arquitetura	UFRJ
D. A.	Direito	UFRJ
G. J.	Administração	Unicarioca
M. B.	Ciências da Matemática e da Terra	UFRJ
Y.	Engenharia	UFRJ
W.		

Grupo: Bellatrix

Nome	Curso	Instituição
A.	Letras Português/Inglês	UFRJ (desistiu de Gastronomia)
B.	Engenharia de Produção	UFRJ
G.	Engenharia Elétrica	UFRJ
I.	Ciência da Computação	CEFET
J.	Engenharia	UFRJ
J. C.	Administração	UFRJ
R.	Geologia	UFRJ
T.	Administração Pública	UNIRIO
T.L.	Nutrição	UNIRIO
T.	Nutrição	UNIRIO

Grupo: Colomba

Nome	Curso	Instituição
A. B.	Jornalismo	UFRJ
C. V.	Biologia	UFRJ

J.	Engenharia Química	UFRJ
J.	Psicologia	UFF
R.	Engenharia da Computação	UFRJ

Grupo: Denébola

Nome	Curso	Instituição
A.	Gastronomia	UFRJ
M.	Veterinária	UFF
M. C.	Gestão Pública	USJDR
L.	Ciências Ambientais	UNIRIO

Grupo: Draco

Nome	Curso	Instituição
C.	Matemática	UFF
J. L.	Relações Internacionais	PUC
L.	Comunicação	UFRJ
M.	Arquitetura	UFRJ
N.	Arquitetura	UFRJ
K.	Gestão Pública	UFRJ

Grupo: Escorpião / Erídano

Nome	Curso	Instituição
M.	Enfermagem	UERJ
B.	Comunicação	UFRJ
L.	Letras	UERJ
E.	Arquitetura	UFRJ
J.	Direito	UERJ
A. C.	Biologia	UFRJ
C.	Odontologia	UERJ
T.	Ciências da Computação	Weber State University (EUA)

Anexo 3

Termo de autorização



Autorização

O Instituto Lecca, representado neste documento, pela Sra. Ana Cecilia da Costa Carvalho Melo, Diretora do Conselho Diretor, autoriza a divulgação de informações e dados coletados em sua organização, na elaboração da dissertação de mestrado, sob o título: **A Eficácia do Atendimento de um Programa para Crianças Superdotadas de Baixa Renda**, do programa de Pós Graduação em Educação Especial, realizado pela **Universidade Fernando Pessoa**, com objetivos de publicação e/ou divulgação em veículos acadêmicos, como texto completo mediante cópia, para armazená-la permanentemente na biblioteca e meios digitais da Universidade Fernando Pessoa, colocando-a ao alcance do público, a partir de **03/07/2019** e permitir quem a ela tiver acesso, que a reproduza desde que referencie sua origem.

Rio de Janeiro, 03 de junho de 2019.

Ana Cecilia da Costa Carvalho Melo

QUESTIONÁRIO SOBRE SUPERDOTAÇÃO E O PROGRAMA À CRIANÇA QUE ESTÁ CONCLUINDO O 2º ANO DO PROGRAMA

1- Você antes de entrar para o Programa se achava diferente das outras crianças?
() Sim () Não

Se SIM, de que forma?

2- Depois da permanência no Programa, se acha diferente das outras crianças?
() Sim () Não

Se SIM, de que forma?

3- Você gosta de frequentar o programa?
() Sim () Não

Justifique.

4- A escola passou a ser diferente para você depois da sua permanência no Programa?
() Sim () Não

Se SIM, de que forma?

5- Você passou a fazer coisas ou criar hábitos diferentes do que você fazia antes do Programa?
() Sim () Não

Se SIM, de que forma?

6- Você gosta dos passeios, visitas e outras atividades culturais que faz no Programa?
() Sim () Não

7- Você fazia muitas atividades culturais antes de entrar para o Programa?
() Sim () Não

Se SIM, que atividades?

8- Você aprendeu coisas novas, além de matérias acadêmicas no Programa?
() Sim () Não

Se SIM, o que você aprendeu?

9- Do que você mais gosta no Programa?

10- O que você gostaria que fosse diferente no Programa?

QUESTIONÁRIO PARA O RESPONSÁVEL DA CRIANÇA
PARTE 1 - DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS:

Nome do responsável: _____
Data de nascimento: _____
Naturalidade: _____

Dados socioeconômicos:

Grau de Escolaridade:

Analfabeto

Ensino fundamental incompleto Parou em que série? _____

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto Parou em que série? _____

Ensino médio completo

Superior incompleto Em andamento Trancado

Superior completo Graduação: _____

Faixa de renda

não tem renda menos de 1 salário

1 a 3 salários mais de 3 a 5 salários

mais de 5 salários

QUESTIONÁRIO SOBRE SUPERDOTAÇÃO E O PROGRAMA À FAMÍLIA DE CRIANÇAS QUE ESTÃO CONCLUINDO O 2º ANO DO PROGRAMA:

1- Você já havia escutado falar sobre superdotados antes de seu (sua) filho (a) entrar para o Programa?
() Sim () Não

Se SIM, o que entendia por superdotação?

2- Você notava algum comportamento diferente ou precoce no (a) seu (sua) filho (a) em relação a outras crianças?
() Sim () Não

Se SIM, qual era a percepção?

3- Quando seu (sua) filho (a) foi selecionado (a) para o Programa, você buscou informações na escola sobre o Programa?
() Sim () Não

Se SIM, quais foram as informações que você recebeu?

4- Quando você foi entrevistado (a) pelo Programa você se surpreendeu?
() Sim () Não

Se SIM, o que te surpreendeu?

5- No decorrer desses dois anos, você percebeu mudanças positivas na vida acadêmica do (a) seu (sua) filho (a)?
() Sim () Não

Se SIM, que mudanças foram essas?

6- Foi perceptível mudança na vida cultural?
() Sim () Não

Se SIM, que mudanças foram essas?

7- Antes de entrar para o Programa, o (a) seu (sua) filho (a) já falava sobre interesse por alguma profissão?
 Sim Não

Se SIM, qual?

8- Após a permanência no Programa, ele (a) fala sobre o interesse em alguma profissão?
 Sim Não

Se SIM, qual?

9- Houve alguma mudança na sua vida social, acadêmica e/ou cultural e dos familiares?
 Sim Não

Se SIM, quais mudanças ocorreram?

10- Você percebe alguma diferença entre os profissionais da escola e os que atuam no Programa?
 Sim Não

Se SIM, quais são as diferenças?

AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL

Eu, _____, de documento
(CPF ou Identidade) número _____, autorizo meu filho (a)
_____ a responder
o questionário para Tese de Mestrado da Maria Clara Ligério Chehin, mestranda pela UFP
(Universidade Fernando Pessoa de Porto).

Rio de Janeiro, de _____ de 2017.

Assinaturas:

Maria Clara Ligério Chehin

Assinatura do responsável